

Operários, é preciso lutar contra a criminoso baixa de salários!

Acentua-se em vários pontos do país a tendência para a baixa dos salários. Parece obedecer a um *mot d'ordre* essa antipática atitude da burguesia capitalista. Já por várias vezes o operariado se tem visto forçado, em várias localidades, a vir para a luta a fim de manter integros os salários que continuam a ser escassos para a satisfação das mais importantes exigências da vida.

O industrial português teve sempre a tola mania de que o operário ganha demasiado e que é do salário e não do desenvolvimento da indústria que há de sair o seu lucro. Enquanto o industrial americano, que não deixa de ser explorador como o português, mas que é muito mais inteligente e audacioso, pretende mesmo nas indústrias mais luxuosas pagar ao seu operário de forma a ele poder ser o consumidor do artigo que produz, em Portugal o patrão deseja o contrario: sugar, pela mínima paga, todas as energias ao trabalhador.

Nem mesmo nos períodos aureos da indústria portuguesa, em que certos operários especializados auferiam salários que faziam estremecer de horror o mesquinho burguês, se ganhou neste país quantia que habilitasse o trabalhador a possuir a capacidade de compra que tem, por exemplo, o operário sueco ou dinamarquês. Se se dissesse a qualquer industrial de meia tigela, explorador dessas indústrias rotineiras, desajudadas de iniciativa, que na Suécia é banal um operário ter, pelo menos, um telefone em casa ou que um pescador de bacalhau, após o seu trabalho rude, no seu lar atapejado, servido de fofas cadeiras, escuta enlevado as partituras que as filhas tocam num piano afiderido com o seu salário—o nosso rotineiro industrial morreria de pavor.

Quem trabalha necessita de comodidades—e melhor gosto para o trabalho encontrará no salário que lhe permita adquirir os confortos de pessoa civilizada e satisfazer um ou outro capricho indispensável a qualquer criatura medianamente culta.

O operário português foi sempre um pobre-diabo entalado entre a conta da mercearia e a casa de penhores. E mesmo, assim, quando, num direito à vida incontestável, se permite, empenhando-se quasi sempre, dar um passeio ao Senhor da Serra e fazer-se transportar num trem desconjuntado—isso é o bastante para que os "moralistas" abram a boca e o acusem de ganhar fortunas.

Esses *luxos*, em regra, são o produto dum grande sacrificio, de semanas e de meses de economias—arrancados, quantas vezes! às necessidades mais instantes—porque, não vivendo o homem só de pão, legítimo é que pelo menos uma vez se divirtam os que trabalham.

Mas a maioria esmagadora dos operários ganha mal. Quando é só o chefe de família a ganhar para a esposa e para quatro ou cinco filhos—a existência é uma tragédia. Não há salário que chegue. Daí o definhamento da raça, desta raça que querem regenerar pelas touradas barbas. O alimento é escasso, os abaios débeis, a higiene mal respeitada.

Tudo quanto se fizesse no sentido de aumentar os salários dos trabalhadores, redundaria em beneficio da colectividade. A raça depauperada melhoraria, a educação de iniciativa particular desenvolver-se-ia, o consumo aumentaria—porque o operário hoje forçado pelo salário escasso quasi que à situação exclusiva de produtor, seria um dos principais consumidores do que produz.

Pois, a pesar do problema ser bem claro, a despeito da situação do operário português ser bastante difícil, a burguesia capitalista pretende arrancar-lhe muito ao pouco que presentemente aufer. Criaturas que ganham oito escudos diários—que são oito escudos, leitores?!—têm sido obrigadas a defender-se de tentativas de baixa de salários para seis escudos! Que critério será o desses industriais que, numa época destas, têm o arrojo de atribuir o valor de seis escudos ao trabalho humano?! Urge que o operariado se defenda da arremetida da baixa de salários. Arrancar um centavo que seja aos actuais salários é um crime, é um atentado contra a vida do povo abalador.

"A Europa perdeu o direito de impor a sua vontade aos outros povos", diz Abd-el-Krim numa mensagem célebre

Por ocasião do centenário da independência da Argentina o jugo espanhol os povos da América Latina enviaram um telegrama a Abd-el-Krim felicitando-o pela forma como ele tem sabido defender o povo rifenho das arremetidas ferozes da França e da Espanha.

Em resposta a esse telegrama e a convite dum jornal argentino, o general rifenho enviou ao povo sul-americano uma mensagem que nos apossamos a traduzir pelo que ela contém de nobre, de humano e de verdadeiro:

Meus caros irmãos:—Respondendo ao amável convite do grupo "Renovação" de Buenos Aires, dirijo-me, com o coração repleto de alegria, a todos os povos da América Latina, neste glorioso dia em que eles celebram o feito de armas que lhes trouxe a independência e os livrou do jugo estrangeiro.

Não existe direito mais sagrado, mais inegável, que o de qualquer povo poder governar-se e escolher a forma de governo que melhor convém ao seu temperamento e às suas aspirações. As festas organizadas para comemorar o centenário de Ayacucho encontram eco no coração de todos os povos que lutam pela sua liberdade e o seu compartilhamento dos vossos sentimentos, nesta ocasião, com um entusiasmo legítimo, na minha qualidade de governador provisório da República rifenha.

O povo heróico de Marrocos combate neste momento pelo mesmo ideal que Miranda, Bolívar e San Martín defenderam. Sempre amei e admirei estes heróis da vossa nação e, ainda ontem, nós vibrámos perante os gestos gloriosos e heróicos de Matéo—e de Martí. Nós possuímos, sob o ponto de vista de raça, de cultura e de religião, qualidades que nos impedem aceitarmos o império dum potência europeia seja ela qual for. Exactamente como vós combatestes, há um século, para defender a vossa independência, nós fazemos hoje o sacrificio da nossa vida e dos nossos bens perante o altar da liberdade nacional.

Corrompida pela guerra mundial, minada pelos apetites imperialistas, próprios do regime capitalista, a Europa perdeu o direito de impor as suas ideias e a sua vontade aos povos dos outros continentes. Nós aspiramos à edificação duma civilização baseada nas regras da paz e da justiça social. Nós aspiramos, nós os povos de raça árabe, a destruir o jugo da Inglaterra, da França, da Itália e da Espanha. Os nossos irmãos do Egipto foram os primeiros a vi-

brar o golpe e eu tenho boas esperanças de que o mundo será dentro em pouco testemunha do segundo golpe vibrado aqui, em Marrocos. Então terá soado a hora para Alger, Tunis e Trípoli, cujos povos se preparam já para o momento da grande libertação.

A nossa causa é absolutamente, como a vossa o era, uma justa causa. Nós não fomos levados pelo ódio contra a Espanha, que em tempos foi a nossa pátria e o berço dos nossos antepassados. Todo o espanhol instruído sabe que durante a Idade do ouro e da arte em Espanha, os árabes formavam a maioria da sua população. E o momento fatal em que uma guerra religiosa nos pôs fora da península, enbelesada com a nossa arte e enriquecida pela nossa actividade, foi também o momento fatal que atirou esse querido país para a irreparável decadência em que presentemente se encontra mergulhado.

O chauvinismo da casta militar e católica na Espanha, flagelo que leva o seu povo para uma guerra estúpida e desastrosa, faz de Marrocos o cemitério dos seus filhos, um abismo sem fundo para onde ela deita a sua riqueza. Enviaram para aqui, para morrerem, os pobres rapazes espanhóis, como os enviavam, há cem anos, morrer nos vales dos Andes e, há trinta anos, morrer de febres palustres em Cuba.

Nós odiamos tais massacres! Nós exigimos que a Espanha renuncie aos seus empreendimentos que só lhes trazem perda, que faça a evacuação de Marrocos, como fez a da América, que deixe dedicados aos nossos trabalhos, conhecer a paz, a actividade, as luzes que nos permitirão tomar, tal como vós o fizestes, o lugar que nós merecemos na fraternidade das nações...

Nós lutaremos sem tréguas até que tenhamos cumprido a nossa missão que é a de libertar todos os povos árabes da costa mediterrânica e da Ásia Oriental. Marrocos livre e a Espanha livre serão os dois pilares de onde se lançará a renascença duma raça que honrou três civilizações da humanidade.

Sentimos bastante que o estado de guerra e o facto de não sermos reconhecidos pelos governos imperialistas da Europa, nos impeçam enviar uma missão especial às festas do glorioso aniversário de Ayacucho. Mas estamos certos de que nós não esperamos pelo seu século-centenário para entabular com os vossos governos sólidas relações amigáveis e fraternais concebidas num espírito de sinceridade bastante afastado da hipocrisia convencional, que caracteriza a diplomacia corrente do imperialismo capitalista...—**Abd-el-Krim**, governador provisório da república rifenha.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Senilidade

O dr. sr. Jacinto Nunes foi indiscreetamente um dos republicanos de maior prestígio. Mas hoje—e sem irreverência o dizemos—é um velho, vencido pelos seus muitos anos e está atacado de senilidade. Isso nada tem de desprimoroso para um dos homens mais combativos do tempo da monarquia. Mandava, porém, o bom senso que o dr. sr. Jacinto Nunes se mantivesse no silêncio, coerente com o afastamento em que há muitos anos se encontra da vida política.

Teve ontem o mau sestro de sair do silêncio para protestar contra a manifestação de desgosto de que foi alvo o sr. António Maria da Silva, esquecendo-se de que este último foi o chefe da famosa formiga branca que bastantes vezes insultou e tentou agredir correligionários seus, inclusive seu filho—o dr. sr. Jorge Nunes.

Especulação ou ignorância

A Tarde alarmava-se ontem porque as gazetas da manhã haviam anunciado um bloco eleitoral da Esquerda Democrática, C. G. T. e Partido Comunista. Parece-nos impossível que um jornal que é dirigido por uma criatura inteligente e esclarecida possa tomar a sério e aceitar como verdadeira essa anunciada ligação da C. G. T. com organismos de feição política. Se é ridículo o pavor demonstrado no editorial daquele vespertino, mais ridículo é ainda o pensamento de que a Central dos Sindicatos, que vem de ratificar num importante congresso a sua directriz apolítica, possa dum momento para o outro ir às urnas, de braço dado com os primeiros públicos que lhe apareçam. Ou aquele editorial visa a especular com a ignorância dos conservadores, ou foi traçado por pessoa realmente desconhecidora dos princípios que norteiam a maioria do operariado português agrupado na C. G. T.

Muito agradecidos, mas...

O Arsenalista, órgão dos arsenalistas do exército, recordando o tratamento injusto e acre que lhe temos dispensado, mas de que nós não recordamos—perde-se-nos a desmemória—protesta contra o assalto de que a C. G. T. foi vítima por parte da polícia e oferece-nos todo o seu concurso para qualquer movimento de desagravo.

Quanto ao protesto, está bem, aceitamo-lo porque não somos pobres e mal agradecidos, desejamos de que jamais algum vândalo belisque os nossos tarcos ou a nossa dignidade.

O mesmo não podemos dizer quanto ao concurso que nos é oferecido, visto que não nos apraz comprometer ninguém. Um movimento de desagravo poderia durar mais de três dias; e depois se calhasse ser lançado em fim de mês?

Não camaradas, respeitamos muito o regulamento...

Rebate falso...

Estava anunciada para ontem a visita oficial do chefe do governo, o dr. sr. Domingos Pereira, às dependências do governo civil. Foi no edifício da rua do Capelo um rebolico nunca visto. Lavou-se a casa.

ornamentaram-se os gabinetes e até se desinfectaram os calabouços! Afinal o dr. Domingos Pereira não compareceu, por ter adoecido, e houve quem lamentasse o tempo que se perdeu em lavar os pavimentos. Não seria mais o presidente do ministério anunciase cotidianamente a sua visita, para habitar aquela gente à higiene e à limpeza...

Miséria mental...

O órgão dos arsenalistas do exército (integrado nos objectivos da I. S. V.) afirma que o Congresso Confederal foi uma miséria especialmente na falta de bom senso e de mentalidade. Não podia aquele jornal exprimir opinião contrária visto que os objectivos da I. S. V. a tal obrigam—o que poderia era justificar melhor essa afirmação. Mas, cotizados, a argumentação que empregou é que era tão pobre, tão pobre que nos deixou a impressão duma verdadeira miséria mental.

Sequestrado?

A 26 do mês transacto noticiaram os jornais a prisão, no Café 5 de Outubro, do operário alfaiate Artur Fernandes Teixeira que não tem cadastro nem como bomista, nem com outro epíteto pelo simples motivo de não ter prisões.

A sua companheira tem andado, numa roda viva, pelo governo civil para saber em que esquadra ele se encontra detido, a fim de lhe entregar roupas e de lhe levar comida. Disseram-lhe que estava na esquadra do Caminho Novo, e não é verdade.

Chegar-se a este extremo: a polícia sequestrar pessoas que prendem iniquamente. Que mais infâmias ainda irão cometer-se?

Liga Portuguesa dos Direitos do Homem

Sob a presidência do sr. Luz de Almeida, secretariado pelo sr. Vergílio Marques, reuniu o Directório desta Liga, para apreciar vários assuntos, entre os quais, um officio de Carlos Frederico Baelel e Sousa, que se encontra preso no governo civil, tendo sido deliberado enviá-lo, para estudo do caso, ao seu conselho jurídico. Por um membro do Directório foi também presente uma reclamação contra a falta de julgamento dos srs. Francisco Machado e Augusto Trom, presos na cadeia de Alenquer, resolvendo a Liga intervir para que rapidamente seja dada uma solução ao caso, como de Direito. Foram aprovados mais os seguintes sócios: dr. António Espírito Santo Lopes, engenheiro Armando Fortes, dr. João de Almeida, dr. Alberto Navarro Soeiro, dr. Nobrega Quintal e Afonso Correia.

O protesto dum preso

Artur da S. Santos, operário sapateiro, morador em Queluz de Baixo e actualmente preso na cadeia de Sintra, escreve-nos protestando contra a sua prisão dizendo-se vítima de vinganças pessoais, como a seu tempo se provará.

O Presídio Militar de Santarém e o regime de trabalho dos presidiários ao serviço das oficinas de escoveiro e alfaiate

Aquela avenida da feira, de frondoso arvoredo onde o forasteiro se embebece na sua policromia e que fica a um dos extremos de Santarém, conserva ainda no seu ventre um dos maiores in-paces da democracia portuguesa—o presídio militar. Fomos visitá-lo, quando estivemos naquela cidade. É um edifício lugubre, de frontaria amarela como todas as prisões. A severidade do seu regulamento transpõe mesmo o limiar do portão. É a sentença que nos recebe, de aspecto carrancudo, de expressão grosseira.

—O que desejam?
—Falar ao sr. comandante?
—Esperem! E o metal de voz deste obreiro, acidentalmente no serviço militar ecoa sinistramente, produzindo-nos uma violenta estremeção.

Minutos depois o cabo da guarda, olhar vivo, conduz-nos ao gabinete onde uma figura circunscrita, expressão austera, conhece a nossa identidade. É o coronel de cavalaria sr. José Coelho Leite Pereira de Castro, e comandante da bastilha a que nos reportamos. Deferido o pedido da visita, o sargento comandante dos guardas servenos de cicerone. É um homem experimentado, conhecedor da psicologia criminal, há um ano ao serviço do presídio. Anável, atencioso, em extremo vai guiando-nos naquele labirinto que começa no palatrário, logar onde os presos recebem as visitas, e que é separado por um grosso paredão, aberto por frestas que, para evitarem a transmissão de qualquer objecto, está preservado por três redes, três, leitor!

O nosso cicerone, que como dissemos é um prático naquele mar de tormentos e de naufragos, diz-nos das condições higiénicas da prisão, da disciplina, do regulamento, etc., etc.

Quando nos exalçava as belezas daquela vida de suplicio, um outro sargento, semblante carregado e voz enrouquecida, em duas frases simples grita o desespero da sua situação que, afinal, é consequência das mesmas causas que flagelam os presos. —Calculem os srs. jornalistas que os sargentos adidos a este presídio estão apenas recebendo dois tostões, vinte centavos, notem! como há 30 anos, de gratificação.

«O regulamento ainda não foi actualizado, e nós temos que nos conformar com essa insignificância que só por escárnio nos é entregue».

E o nosso guia, de patente superior desvia-nos daquele lugar, sem que nas suas expressões se visse uma nota viva da sua concordância com aqueles queixumes que, afinal, são bem eloquentes e verídicos. E sem que de tal nos apercebemos estávamos no observatório, lugar onde se conserva um sargento que vigia atentamente as alas Norte, Sul e Oeste, não vá algum preso escapulir-se.

De forma poligonal, todas as alas ali se cruzam podendo o vigia, sem grande esforço, ver tudo quanto se passe no movimento do presídio. O péso do regulamento, elaborado há cerca de 30 anos, em 1896 já ali se observa.

É um recinto inundado de luz e de esmerado acção onde todos os presos em marcha de guerra passam quando se dirigem para as duas oficinas existentes (no presídio e que são: de alfaiate e de escoveiro).

A nossa indiferença pelos regulamentos militares ia provocando uma irreverência.

AS INSOLENCIAS DO FASCISMO

Não há nada que nos leve a dizer que as notícias ultimamente publicadas pela imprensa italiana e estrangeira, sobre as atrocidades perpetradas estes últimos tempos, sejam menos verdadeiras.

Quanto ao célebre processo Matteotti também tudo o que se tem relatado é bem verdade.

Toda a gente tinha, há muito tempo, a certeza de que os assassinos do deputado socialista se salvariam do julgamento com o mínimo de inócuos possíveis. O poder não ousa felicitá-los publicamente, mas faz-lhes notar, por todas as formas, a sua solicitude.

O cinismo da ditadura fascista vai além de tudo o que se pode imaginar.

Esse cinismo não só teve a audácia de afirmar a inocência de todos os culpados, assassinos directos ou cúmplices, mas procura por todas as formas livrar todos aqueles que forem sentar-se nos bancos do tribunal ou pelo menos fazer com que sejam punidos com penas ligeiras.

Alguns aproveitam-se da amnistia em que foram incluídos arbitrariamente. Outros beneficiam dum liberdade completa. Estes são mais conhecidos. Todos se lembram ainda do escândalo levantado quando apareceram as revelações de Cesare Rossi e de Filippelli; um, alto funcionário, o outro, director dum jornal super-fascista.

Ambos sabiam mais do que deviam saber. Eram capazes, na audiência, de denunciar as relações de Mussolini com os assassinos. Ninguém deseja vê-los lá.

Quanto a Duminí e aos seus acólitos, foram acusados de homicídio *sem premeditação*. E porque razão mataram Matteotti? Os salteadores fascistas estavam por acaso em estado de legítima defesa?

Preparamo-nos a ver os advogados e o ministério público—defenderem a tese já conhecida, de que Duminí e os seus consócios foram obrigados a matar Matteotti para abafar os seus gritos...

O inquérito do general Balbo

Foram ordenados ao mesmo tempo três inquéritos sobre os acontecimentos de Florença.

Um foi confiado à polícia.

Os resultados a que ele poderá chegar são bem duvidosos, pois Farinacci foi o pri-

meiro a felicitar os camisas negras pelos seus crimes.

O outro é dirigido pelo general Balbo que é o comandante da milícia fascista. Este alto dignitário da hierarquia apenas tem um desejo: conservar o seu alto cargo.

O terceiro inquérito será feito em Roma. Mussolini receberá nesta cidade o Directório fascista de Florença, o próprio que originou os assassinatos que se cometeram na Toscana.

E este Directório será acompanhado por Farinacci; eis uma garantia.

No entanto as violências continuam.

meio a felicitar os camisas negras pelos seus crimes.

O outro é dirigido pelo general Balbo que é o comandante da milícia fascista. Este alto dignitário da hierarquia apenas tem um desejo: conservar o seu alto cargo.

O terceiro inquérito será feito em Roma. Mussolini receberá nesta cidade o Directório fascista de Florença, o próprio que originou os assassinatos que se cometeram na Toscana.

E este Directório será acompanhado por Farinacci; eis uma garantia.

No entanto as violências continuam.

meio a felicitar os camisas negras pelos seus crimes.

O outro é dirigido pelo general Balbo que é o comandante da milícia fascista. Este alto dignitário da hierarquia apenas tem um desejo: conservar o seu alto cargo.

O terceiro inquérito será feito em Roma. Mussolini receberá nesta cidade o Directório fascista de Florença, o próprio que originou os assassinatos que se cometeram na Toscana.

E este Directório será acompanhado por Farinacci; eis uma garantia.

No entanto as violências continuam.

meio a felicitar os camisas negras pelos seus crimes.

O outro é dirigido pelo general Balbo que é o comandante da milícia fascista. Este alto dignitário da hierarquia apenas tem um desejo: conservar o seu alto cargo.

O terceiro inquérito será feito em Roma. Mussolini receberá nesta cidade o Directório fascista de Florença, o próprio que originou os assassinatos que se cometeram na Toscana.

E este Directório será acompanhado por Farinacci; eis uma garantia.

No entanto as violências continuam.

meio a felicitar os camisas negras pelos seus crimes.

O outro é dirigido pelo general Balbo que é o comandante da milícia fascista. Este alto dignitário da hierarquia apenas tem um desejo: conservar o seu alto cargo.

O terceiro inquérito será feito em Roma. Mussolini receberá nesta cidade o Directório fascista de Florença, o próprio que originou os assassinatos que se cometeram na Toscana.

E este Directório será acompanhado por Farinacci; eis uma garantia.

No entanto as violências continuam.

meio a felicitar os camisas negras pelos seus crimes.

O outro é dirigido pelo general Balbo que é o comandante da milícia fascista. Este alto dignitário da hierarquia apenas tem um desejo: conservar o seu alto cargo.

O terceiro inquérito será feito em Roma. Mussolini receberá nesta cidade o Directório fascista de Florença, o próprio que originou os assassinatos que se cometeram na Toscana.

E este Directório será acompanhado por Farinacci; eis uma garantia.

No entanto as violências continuam.

Trabalhador, nosso irmão, às urnas pelo 'candidato do operariado português'!

Operário que vives do teu trabalho, operário que tudo quanto possuis ao teu esforço deves, desiludido-te, renega todo o teu passado, abdicar da tua personalidade—e vai votar! Vai votar no médico sr. Augusto Rodrigues Miranda, candidato do «operariado português», teu candidato, portanto.

Tu és teimoso nas tuas predilecções, és firme e abstinado nas tuas convicções revolucionárias. Difícilmente te afastarás da linha de conduta que traçaste, dificilmente renegarás hoje os teus pensamentos e as tuas acções de ontem. Mas tens de arripiar caminho.

Que resultado le deram as tuas lutas vigorosas contra os teus exploradores? Já estás emancipado? Estás, porventura, rico? És feliz? Não. Ainda és explorado, ainda atravessas grandes dificuldades económicas, ainda vives uma existência dolorosa e torturada.

Sofres? És tua a culpa. Vives pobre? És ainda tua a culpa. És explorado? Só tua é a culpa. Tu és o autor consciente da tragédia de teu viver. E quereres ainda, obstinado, persistires no erro, nesse erro que eternizará a tua miséria e o teu sofrimento?

Estranhais que te falemos assim? É provável. Nós, durante muito tempo, também agimos e pensamos como tu, também incorremos nos mesmos erros. Mas, no nosso espírito, uma luz nova surgiu, uma evolução produziu-se que é uma espécie de *imperativo categórico* de Roua a forçar-nos a modificar a nossa conduta.

Operário nosso amigo e nosso irmão: não mais greves, não mais manifestações de protesto, não mais organismos de luta de classes! Há uma arma muito mais poderosa que a tua consciência, que a tua individualidade, que a tua solidariedade. Essa arma é o voto.

Esquece-te um pouco do que tens sido, esquece-te um pouco do que és e reflecte que o voto é a via por onde se fazem todos os progressos e por onde se realizam todos os migres.

A máquina a vapor e a liberdade, os caminhos de ferro e a descoberta do rádio, a telegrafia sem fios e a queda do feudalismo, o aeroplano e as 8 horas de trabalho, tudo isso não foi obra de multidões corajosas e revolucionárias e de sábios pacientes e geniais, mas de eleições livres e de parlamentos dignos. O progresso e a liberdade saíram sempre da boca das urnas e dos parlamentos a que tu, céptico e sindicalista, chamas, injustamente, cloacas fétidas.

Estamos a prever algumas objecções. É certo que nos irás dizer: mas quem é esse dr. sr. Augusto Miranda que eu não conheço e que se inculca meu candidato, meu salvador e meu libertador?

É alto? É baixo? Mora detrás da minha rua ou reside em Maçãs de D. Maria? E quem o autorizou a inculcar-se meu candidato quem o encarregou de me emancipar?

Não tens o direito de falar assim, operário nosso amigo e nosso irmão. O dr. Miranda não mora detrás da tua rua, reside em Sobral da Adiga.

Não o conheces? Que importa! Nada te impedirá de o vires a conhecer amanhã—de sobejo. Não o autorizaste a emancipar-te? De acórdão. Para que precisa ele da tua autorização?

Porventura Jesus Cristo pediu licença à humanidade para se sacrificar por ela?

Estamos convencidos de que abaláras as tuas convicções. Se nos enganamos pior para ti. Ficarás pobre, ficarás infeliz, ficarás escravo.

Mas se de facto ainda és susceptível de emenda, vai até ao fim. Vota também no José Tavares dos Santos, vota no João Ferreira Cabecinha, vota no Adalberto Veiga que fazem parte, como os esquerdistas democráticos, da lista popular que a 8 de Novembro se apresenta nos círculos eleitorais de Lisboa.

Seria assim que te falaríamos, operário nosso amigo e nosso irmão, se tivéssemos enodiceado ou nos tivéssemos vendido ao inimigo secular. Seria nesse estilo de charlatão, nessa linguagem de político

Um judicioso alvitre para se prestar solidariedade material aos deportados

Camarada redactor de "A Batalha".— Eu não sei que mais o governo deseja que se faça a fim de que ele mande cumprir o que a Constituição estatui, com referência aos deportados em Africa sem julgamento e aos presos há mais de 8 dias sem culpa formada.

A organização operária de quasi todo o país tem manifestado, duma forma bastante clara, o seu protesto veemente contra tais monstruosidades e não tem conseguido que a ouçam.

Há entidades abstractas em politica que também têm deposto favoravelmente em proveito das dezenas de infelizes que esperam a morte em Africa e dos que se definham nas prisões—e nada.

Os politicos de ideias liberais e alguns homens de leis também, espontaneamente, têm prestado o seu concurso ao proletariado consciente que há longos meses vem reclamando que justiça seja feita aos seus irmãos, vítimas da ferocidade dos agentes da Companhia de Jesus instalados ali na *Parreirinha*—e também não têm sido atendidos.

Os rogos e as lágrimas das famílias dos condenados e dos que jazem nos calabouços infectos também não têm comovido os homens (?) da governança.

Pelo exposto pode depreender-se que ao chamado poder constituído nenhum conceito lhe merecem as entidades que até elle têm feito chegar o seu protesto ordoiro, o seu desgosto de democratas e a sua dor de mães e filhos, só fazendo fé pelo que uma meia dúzia de malvados sem consciência lhe dizem—ou impõem, que é o mais certo.

O actual presidente do ministério já confessou, com vontade ou sem ella, que as deportações e as prisões de individuos, sem culpa formada, há mais de 8 dias, são constituições. Porém, a pesar-disso, não cumprirá ainda o seu dever. Porquê? Porque os monárquicos do seu partido não lhe dão licença, com receio da vingança das suas vítimas, e porque os agentes da reacção aquartelados no Governo Civil não lhe consentem visto ser preciso, segundo o seu maquiavélico plano, por fora de acção, todo aquele que os contrarie nos seus inquisitoriais projectos—à aparência duma permanente desordem a fim de que possam claramente tomar conta do poder, como já tentaram em 18 de Abril e 19 de Julho.

Eu estou convencido de que o povo trabalhador fará sempre frustrar os desejos de todos esses jesuitas encasacados e fardados, mas, entretanto, constata-se com magua que as pobres vítimas desses ferozes representantes de Lolaila continuam indefinidamente sofrendo os horrores do clima africano, uns, e dos calabouços da metrópole, outros, não metendo em conta aqueles que miseravelmente têm sido abalados pelos esbirros do jesuitismo.

Pois bem, Os nossos protestos e as nossas reclamações não podem afrouxar, mas é preciso fazer mais. A nossa solidariedade moral não é tudo. É precisa a nossa solidariedade material, embora ella não faça desaparecer as vicissitudes que passam os desditosos deportados e os presos e bem assim suas pobres famílias.

Pelo cofre de solidariedade do Conselho J. da C. G. T. têm sido distribuidos subsídios aos operários sindicados, mas eu entendo que, por um dever de humanidade, também se deviam beneficiar aqueles que, embora accusados de delito comum, mas não provado ainda, se encontram também deportados e presos sem culpa formada.

Por isso alvitro que fosse aberta uma subscrição nacional da seguinte forma:

A Comissão Pró-Regresso dos Deportados punha à sanção de todos os organismos operários do país o presente alvitre e os que com elle concordassem mandavam pedir à referida comissão, por intermédio das Unões locais, as listas de que necessitassem. Os sindicatos, por sua vez, distribuíam por todas as oficinas, *ateliers* ou fábricas tantas listas quantas julgassem necessárias, encarregando um camarada de fazer a respectiva queta.

O dinheiro recebido seria entregue nos sindicatos para, por intermédio das Unões, ser enviado à referida comissão.

Quanto à quantia com que se deve subcrever e o dia em que se devem effectuar as quotas lembrava um mínimo de 1500 ou 500 e o dia 31 do corrente, se fosse possível.

Na *Batalha* seria dada nota apenas do número dos subscriptores, suas quantias em total e nome dos sindicatos, poupando-se assim muito espaço.

Lisboa, 13-10-23.

M. COSTA
Operário sindicalista

ACABA DE SAÍR O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1900.

Pedidos à administração de "A Batalha".
A revolução Social e o Sindicalismo
Por Arckinof. Preço \$50.

trampoleiro. Mas prevenimos-te com antecipação: outros virão falar-te dêsse modo, outros virão pedir-te o teu voto para irem, se os teus votos lá os alcançarem, para o parlamento discutir com burgueses, com a certeza de não serem presos nem incomodados pela policia—as imunidades parlamentares protegem-nos contra essas violências—discutir com burgueses e receber, em troca, duma instituição burguesa um ordenado mensal bastante superior ao que tu auferes nas fábricas, nas oficinas e nas minas onde és explorado.

Estamos certos que saberás repetir essa comédia e esses comediantes. Se eles deixarem de ser operários para se tornarem deputados não serão, estamos disso convencidos, os teus votos que irão colocá-los ao nível dos que em S. Bento zombam da tua miséria e da tua dignidade.

Novo conflito na Escola Commercial de Ferreira Borges

Ao iniciar-se o ano lectivo anterior, os alunos da Escola Commercial de Ferreira Borges fizeram uma parede por motivo da nomeação dum professor, a qual originou também o pedido de demissão do professor effectivo da cadeira de Arithmetica Commercial e do Director da Escola, o sr. Clemente Bueno y Martins.

Em Dezembro último o governo transferiu o professor que tinha dado ocasião ao conflito e reintegrava na Direcção da Escola o senhor Bueno y Martins, não o nomeando no entanto professor de Arithmetica.

A Associação Academica dos Alunos, querendo festejar a reintegração do director organizou uma festa que se realizou em 18 de Janeiro do corrente anno fazendo parte do programa uma sessão solene que foi presidida pelo presidente do ministério, tendo assistido além do ministro do Commercio uma grande maioria dos directores e professores das Escolas Tecnicas da Capital.

Entre os oradores falou em nome da Academia o estudante Lopes da Costa, que solicitou do citado ministro do Commercio a reintegração do sr. Bueno y Martins no lugar de professor da cadeira de Arithmetica Commercial. Ao usar da palavra o sr. ministro do Commercio, engenheiro Plinio Silva, declarou desconhecer que o sr. Bueno y Martins não tivesse sido reintegrado em todos os lugares que occupava na Escola, mas que se tinha informado naquela ocasião (pelo director geral, sr. Alvaro Coelho, que se encontrava à direita do ministro) e que imediatamente ia satisfazer o pedido da Academia porque para isso bastaria umas simples formalidades burocráticas.

Os alunos aguardavam a realização do prometimento mas leram nos jornais de 29 do mês findo, que ia ser nomeado o professor, sr. António Maria Carreira, para a referida cadeira. Procuraram saber oficialmente se seria algum visto de verdade tal noticia, e com admiração sua lhes foi declarado que o actual ministro do Commercio já o tinha nomeado.

A comissão dos alunos que havia tratado do conflito referido, reuniu imediatamente tomando resoluções acerca da nomeação.

Avistaram-se esses alunos com o professor sr. António Maria Carreira, a quem declararam não ser por menos consideração pessoal ou profissional que protestariam contra a irrealização das promessas feitas por um ministro do Commercio, e solicitaram há 15 dias uma audiência ao ministro do Commercio de quem aguardam resposta.

DENTES ARTIFICIAIS a 2500. Extracções sem dor a 15000. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20000. Dentaduras completas sem placa em "cauchú". Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO
R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

Uma regalia readquirida pelos Ferroviários do Sul e Sueste

O ministro do Commercio acaba de resolver favoravelmente a reclamação apresentada pelo Sindicato do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, sobre a concessão do bilhete de identidade que serve de passe nas linhas férreas do Estado, ao pessoal eventual com mais de 3 anos de serviço, regalia esta que havia sido cercada pela Direcção daquela rede ferroviária.

A comissão de "demarches" do Sindicato viu assim coroados de êxito os esforços que de há muito vem empregando no sentido de beneficiarem desta regalia um número de trabalhadores não inferior a 2.500, que, por uma má vontade não beneficiavam do que, afinal é uma disposição legal.

Prêso que adocece

Nã enfermaria n.º 9 do Hospital de São José, onde ficou sob prisão, deu entrada ontem Carlos Cruz, de 43 anos, natural de Pederneira (Leiria) electricista, morador na rua da Rosa, 65, 2.º que adoeceu subitamente nos calabouços do Governo Civil, onde se encontrava recluso.

Rendimentos dos operários

No posto da Cruz Vermelha do Calvário foi pensado, recolhendo depois à enfermaria de S. Francisco do Hospital de S. José, António Martins, de 30 anos, carroceiro, natural de Torres Vedras, morador na rua Fradesso da Silveira e que em Alcântara ficou entalado entre um vagão e a carga de que era condutor ficando muito contuso pelas pernas.

Na enfermaria de São Francisco do Hospital de São José, deu entrada Manuel Alves Barbosa, de 40 anos, natural de Barcelos, estivador, residente na rua Sara de Matos, páteo 4, vila Derotea, que foi colhido por um fardo de cortiça no cais da Areia, ficando muito contuso pelo corpo.

Na Casa Mortuária do hospital de São José foi ontem reconhecido aquele tripulante do vapor *Infante de Sagres* que foi a bordo do mesmo colhido por um fardo de trapos, vindo a falecer pouco tempo depois no mesmo hospital. Chamava-se António Maria Coelho, de 44 anos, natural de Lisboa e residia no Casalinho da Ajuda.

Torneio de espada

Taça Estoril

Realiza-se no dia 18 de Outubro a disputa desta prova, para a qual já se acham inscritos grande número de atiradores. O torneio começará às 15 horas, e os assaltos são a 3 toques a eliminar, com "handicap" para as 2.ª e 3.ª categorias e devem fazer-se na prancha; no "Hall" do Estabelecimento Termal do Parque Estoril.

Os prémios constam de:

Uma taça de prata para o vencedor e medalhas de ouro para os finalistas. A inscrição continua aberta na Sala de Armas Carlos Gonçalves, rua das Chagas, 22, 1.º.

Sociedades de recreio

Grupo Excursionista Nova Aurora.—E' convocada a assembleia geral a reunir hoje, pelas 21 horas prefixas, para tratar de assuntos importantes para o grupo.

Concentração Musical 24 de Agosto.—Realiza-se hoje um baile promovido por uma comissão em homenagem ao consocio Carlos Caixa, abrihantado por uma excelente banda musica.

A Moagem do Beato

é uma roça onde a usura tripudia sobre a inconsciência dos escravos

Na Fábrica de Moagem do Beato estão ocorrendo factos que revelam bem o quanto pode a malabarice patronal, ajudada pela venalidade dos seus lacaios e pela inconsciência dos seus serventurários.

Há algum tempo que nessa fábrica o pessoal fazia horas suplementares pagas a dobrar, segundo o que a lei estipula. Porém, no domingo o encarregado, sr. Viana, procurou convencer os operários a receberem o pagamento singelo dessas horas, o que não foi aceite.

Não desanimou o encarregado e tratou de subornar o operário José Amaral para que este influísse no espirito dos seus colegas para que acceptassem a redução de pagamento do trabalho extraordinário, sob pena de serem despedidos. Uma maioria menos consciente deixou-se ir no canto do Amaral e a direcção da fábrica, como é de calcular, bateu palmas de contente.

Ora, enquanto assim se força estes operários a produzir em excesso, por uma retribuição diminuta, vai-se fazendo uma selecção, lançando à rua os mais conscientes, sob os pretextos mais mesquinhos; alegando para uns falta de trabalho e para outros faltas inverosímeis, como aconteceu ontem com um operário a quem despediram só por deixar resvalar dos ombros uma pesada saca de cereal, que reventou e cujo peso, por certo, se não coaduna com os fofos costados dos donos daquela roça.

A tornar mais grave a situação daquela gente há ainda o facto de alguns carroceiros e ajudantes de "chauffeur" da moagem, nas horas vagas do exercicio da sua profissão, acumularem com serviço dentro da fábrica pela remuneração que querem dar-lhes. Sabemos isto as respectivas associações dos "Chauffeurs" e Condutores de Carroças?

Devido à usura da Direcção da Moagem, ao espirito servil do seu encarregado Viana e do operário Amaral, e à inconsciência de alguns dos explorados, esperam-se mais despedimentos.

Longe de lembrarmos o respeito à lei—visto que das leis só se cumprem as que prejudicam os trabalhadores—lembramos às vítimas da Moagem que a situação em que se encontram só é devida a não trabalharem apenas 8 horas por dia, procurando ganhar dentro delas um salário compatível com o custo da vida.

AGREMIACÕES VARIAS

Centro Republicano Radical 19 de Outubro.—Comemorando o 4.º aniversário da sua fundação, realiza-se no próximo sábado, 17, pelas 21 horas, na Academia Recreativa de Lisboa, rua do Socorro, 11, C., 10, uma grandiosa recita, na qual toma parte o aplaudido Grupo Dramático da Academia, subindo à scena o emocionante drama em 3 actos, "João Daltro".

A comissão administrativa convidou todos os radicais a assistir a esta festa, para a qual se encontram à venda os respectivos bilhetes na sede do Centro, rua do Socorro, 11, C., 2.º, todos os dias das 10 às 24.

Associação Popular de Beneficência de São Cristóvão e São Lourenço.

—Esta associação com sede na escola n.º 10, Costa do Castelo, 23, inaugura na segunda-feira, 19, a sua cantina escolar. Todas as noites, das 20 às 22 horas, recebem requerimentos para a admissão de crianças necessitadas.

Grupo Os 15 amigos.—Resolveu este grupo de beneficência e excursionismo distribuir um bode a 200 pobres no dia 18, pelas 10 horas, seguido duma sessão solene e um jantar de confraternização fora de Lisboa.

Agradecemos as três senhas enviadas.

INTERESSES DE CLASSE

Os compositores tipográficos e as greves gerais

Conforme o resolvido na última reunião de delegados dos quadros dos jornais de Lisboa, effectua-se no proximo domingo, 18, pelas 14 horas, a assembleia geral desta classe para tratar de um assunto que, pela sua razão de ser, interessa não só à classe que a convoca, como a todos os trabalhadores do Livro e do Jornal, e por isso algo me offerece dizer.

Após a última greve geral em que alguns quadros não quiseram dar a sua adesão, nove sócios apresentaram uma proposta não só para tratar de "greves gerais e anomalias inerentes" como de outros assuntos. Depois de várias reuniões onde foi estudado o assunto—tendo sido previamente consultados os quadros—resolveu a comissão apresentar uma nova proposta onde julgamos que com a sua aprovação desaparecerá todo o mal que tem advindo das greves gerais.

Poucos são os que ignoram o papel de importância que representam os jornais de grande informação numa paralisação de trabalho.

Os governos servem-se deles para a publicação das insidiosas noticias com que atacam os movimentos grevistas, e os espiritos mais fracos e mais conservadores servem-se, também, dessas noticias para os atraírem. Portanto, urgia que se tomassem energicas resoluções atinentes a que tal facto se não verificasse.

Mas a proposta que a comissão apresenta, porventura, acabará com êsse mal? Desaparecerão as anomalias, com aquela simples resposta?

A classe o dirá, e dirá acompanhando na sua máxima totalidade, para que amanhã, quando se declare qualquer movimento de protesto ou revolucionário, não tenha hesitações e saiba qual o caminho a seguir.

Julgo que por um lapso não foram enviadas a todos os sócios copia da proposta apresentada pela comissão, mas como está patente todos os dias das 19 às 20 na sua sede a documentação referente a todo esse trabalho, aqueles que queiram tomar parte na discussão, podem consultá-la para que a mesma decorraserena e com aquele espirito levantado e consciencioso com que são dotados os componentes desta classe.

Virgílio Moura Santos
Tipógrafo sindicalista

Em Aldegalega

Ante os olhares impávidos do delegado do governo, balanças sem fundo e pesos sem chumbo

ALDEGALEGA, 14.—Continuam a correr à matroca todos os assuntos de interesse público. Em matéria de exploração cada um faz o que quer, sem respeito às leis e sem haver quem as faça respeitar. Por vezes temos a impressão de que Aldegalega faz parte duma possessão africana do interior onde não chegamos a visões de civilização, tal o desrespeito que observamos pela saúde e direitos dos indígenas da terra.

Cule-se que por aqui quasi se não usa o sistema métrico decimal, cuse-se usa mistifica-se, achincalha-se. Há por exemplo uma casa de venda de peixe que usa duma balança com um prato sem fundo e de uma outra sem fiel. O peso do peixe é feito a olho e a belo talante do vendedor.

Nas padarias outro tanto succede. Há dias foi descoberto que um padeiro, da padaria "Flor da Beira", trazia no cabaz, para pesar o pão aos fregueses, um peso de quilo com 930 gramas e um outro de meio quilo com 450 gramas, os quais, verificados, se viu que não tinham chumbo; isto como se não bastasse o continuar-se a vender pão de 300 gramas a 1\$00, o que é uma perfeita roubalheira, quando afinal a farinha tipo único sai no cais da estação a 2\$10, dando margem a poder-se fornecer para consumo público pão bom a menos de 2\$00.

Quando se disporá esta gente a não deixar que a roubem, vendendo-lhe peixe pouco em balanças sem fundo e sem fiel e pesosinhos à razão de 3\$00 e tal cada quilo e pesado por pesos roubados?

E para que serve o sr. delegado do governo?

Ainda as belezas da hygiene pública

ALDEGALEGA, 14.—Continuando a escalpelizar o estado da quasi nenhuma asseio em que se encontra esta vila, referi-mos hoje ao mau cheiro que exala a fábrica de guano onde são triturados ossos frescos de diferentes animais. O cheiro é pestilento e assola uma boa parte da vila.

Um outro facto não menos prejudicial à saúde pública é o de a fábrica de serração de madeiras Dimas, instalada no coração da vila, na praça da Republica, sufoicar constantemente os transeantes com o fumo do petróleo que sai do escape do motor, muito rente ao telhado, o que é contra todas as regras de construção e salubridade.

Isto passa-se mesmo junto à casa da Câmara Municipal e não muito longe da habitação do sr. sub-delegado de saúde que, muito comodamente, fecha os olhos e tapa os ouvidos a estas reclamações justas, absorvido como anda no ataque aos suínos dos quintais.

Vamos, são mais duas mentiras que A *Batalha* aponta, sr.ª Câmara e sr. sub-delegado...—C.

AS DEPORTAÇÕES

Do camarada Paulo Tavares, de Faro, recebemos um telegrama de sentimento pela morte do deportado Alfredo Pereira Vaz e de protesto contra as deportações, advogando um movimento do operariado contra tais iniquidades.

19 de Outubro

A comissão administrativa do Centro Republicano Radical 19 de Outubro, comemorando o quarto aniversário da sua fundação, convidou todos os filiados a incorporarem-se na grandiosa manifestação promovida pelo partido à campã dos Mártires pela Republica, que se realiza no próximo domingo, 18, pelas 14 horas, devendo para isso comparecer na sede do centro pelas 13 horas.

Igualmente convidou todos os radicais a assistirem no próximo dia 19 a sessão solene, na qual devem fazer uso da palavra os vultos mais em destaque no Partido.

APOLO

E' simplesmente admirável de uma harmonia e beleza notáveis, a interpretação que os artistas Berta e Alves da Cunha dão ao interessante drama, O SALTIMBANCO em scena neste teatro.

DESPORTOS

FUTEBOL

O início do campeonato de Lisboa no próximo domingo

A acrescentar à noticia por nós dada ontem, em primeira mão, com o programa dos desafios para domingo, devemos informar que já foram nomeados os juizes de campo que arbitrarão os jogos de 1.ª categoria, ficando distribuídos do modo seguinte: Benfica-Casa Pia, Ivo Torres de Sousa, (Sporting); Império-Caracavelhos, António Brás, (Benfica); Sporting-União, Salvador do Carmo, (Benelenses); Benelenses-Vitória, José D. Fernandes, (Casa Pia).

O desafio Sporting-União, de 1.ª categoria, que se effectua em Santo Amaro, foi marcado, por comum accordo entre os clubes interessados, para as 13 e meia horas, permitindo assim que o público que se interessa possa assistir desde ao encontro Benfica-Casa Pia, que se effectua no campo do Restelo às 15 e meia horas.

Os clubes da promoção começam também no próximo domingo o seu torneio. Divididos, pela nova regulamentação, em duas séries que jogarão em domingos alternados, os clubes que constituem a primeira série encontram-se, no domingo já, pela disposição que segue e segundo o resultado do sorteo: Chelas-Chelense, no campo do Chelas; árbitro, para as 1.ª e 2.ª categorias, João dos Santos, (Benfica); Fósforos-Sacavenense, em Sacavém; árbitro para as 1.ª e 2.ª categorias, Joaquim Tomás da Costa, (Benfica); Ocidental-Marvilense, em Marvila; árbitro de 1.ª categoria, Mário Couto Paixão.

As condições regulamentares e horários para a realização dos desafios, nas quatro categorias, são as mesmas que as usadas na divisão de honra.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

José Ricardo

No domingo passado, quando a tarde declinava, descerrava-se a lápide que substitui o nome da travessa da Roussada, em Sintra, pelo de José Ricardo, actor popular que mais de meio Portugal palmeou, ao admirar as suas criações no drama, na comédia, na farsa, na opereta e na revista.

Inteiramente justa a homenagem, teve ella o carácter mais simples e sincero que pode conjecturar-se. Sairam de suas casas os moradores das imediações da vivenda onde o actor repousava enleado na contemplação da Natureza.

Nem foi a curiosidade que levou ao lugar da consagração tanta gente, nem tampouco a presunção snóbica de marcar a cerimonia com uma presença indigesta.

Todos ali foram, varias classes sociais, recordar a figura curiosa do artista, e numa associação de sentimento piedoso, recordar os momentos de prazer que o comediante lhes prodigalizou durante a sua longa carreira dramática. Poucos discursos, curtas orações de saude. Santos Tavares elegantissimo de forma, Mário Duarte conceituoso e sadio, Augusto de Melo absorto e evocativo, Feliciano Santos académico e ponderado e Nogueira de Brito, como soube, completaram, engrandecendo a obra de Raúl Gonçalves, da Câmara Municipal, que falou reconcisamente, da Semana de Sintra e revista *De Teatro*, entidades que levaram a cabo a comemoração.

E' de salientar o recolhimento com que a assistência acompanhou toda a cerimonia, não o recolhimento que a subserviência gera mas o recolhimento espontâneo, sincero, sentido. O povo misturou-se com a apresentação official e os oradores, afinal, disseram, reproduziram o que sentia aquelle multidão sentia, que era como que a interprete da grande parte da população de Portugal e Brasil, que conheceu de perto a obra do actor célebre que foi José Ricardo.

Um ligeiro reparo a todos fizeram, que, sendo lastimoso e censurável, em nada contribuiu para o ensobramento da comemoração: a ausência do ministro da Instrução, a quem o afan eleitoral não dá tempo a comparecer nestas celebrações.

E falava-nos antes o sr. Barros Queirós na indisciplina social!

Nogueira de BRITO

Noticias

E' definitivamente na sexta feira, 23, que se inaugura a época de inverno, em São Carlos, com a companhia Lucília Simões, sendo a peça escolhida para a primeira recita o original de Bernstein, "O Ladrão", em que a illustre actriz já mencionada tem uma das mais brilhantes criações da sua vasta galeria artistica.

—Trabalha-se, em todos os momentos, no edificio do novo teatro do Ginasio, a fim de que muito brevemente seja marcada a data definitiva da sua inauguração. Na primeira peça que subirá a scena no novo teatro, a graciosa comédia "Guerra ao vinho", que está sendo ensaiada pelo actor Gil Ferreira, tomam parte no desempenho, e pelo que se refere ao elemento masculino, além dêsse artista, mais os seguintes: Henrique de Albuquerque, Tarquinio Vieira, Rafael Alves, Matos Reis, Vital dos Santos, Miguel Pereira e Barroso Lopes.

—Foi contratada para a companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, a gentil actriz Clara Baptista.

—Está marcada para a próxima semana a primeira representação do *vaudeville* "O Pão de Ló" com que a Companhia Satala-Amarante inaugura a sua época.

—O Trindade inaugura a sua época com a opereta em 3 actos "Madame Pompadour", de Andolph Schaner e Ernest Welisch, musica do maestro Leo Fall.

Reclames

Toda a população de Lisboa tem, presentemente, os olhos postos no popular teatro Apolo e na peça que ali se exhibe, o célebre drama "O Saltimbanco", cujo ruídooso êxito se justifica em virtude do asombroso trabalho que nela tem o nosso grande artista Alves da Cunha, considerado hoje o primeiro actor dos grandes lances dramáticos e das peças fortes, arrebatadoras das multidões e que encarna o papel do palhaço. "O Saltimbanco" com tamanha verdade que muitos olhos se humedecem de lágrimas, muitos corações pulsam de amargura e de tristeza. A seu lado Berta de Bivar tem igualmente um esplêndido trabalho no papel de Alice. "O Saltimbanco" repete-se hoje.

—O trabalho dos célebres contorcionistas Nissatas e do notável saltador de obstáculos Thompson continua a despertar as atenções do grande publico que todas as noites assiste ao espectáculo do Coliseu dos Recreios, onde está a exhibir-se a mais formidável companhia de circo que tem vindo a Portugal.

Hoje realizam-se ali dois espectáculos, um em "matinée" e outro a noite, no primeiro dos quais têm entrada gratuita todas as crianças até aos 10 anos que se apresentem acompanhadas.

SOCIEDADE "ESTORIL"

LEILÃO DE GADO

No dia 16 do corrente, às 12 horas, na estação do Cais do Sodré, em virtude do disposto no Regulamento de Reclamações, proceder-se-á à venda em hasta pública de 1 carneiro e 2 ovelhas encontrados abandonados na linha férrea e ainda não reclamados.

Lisboa, 14 de Outubro de 1923.—O Engenheiro Director, M. Belo.

Coliseu dos Recreios

HOJE

Grande Companhia de Circo

A's 15 (3 da tarde)

GRANDIOSA MATINÉE ELEGANTE

Entrada gratuita para as crianças

A's 21 (9 da noite)

DESUMBRANTÍSSIMO ESPECTÁCULO

As maiores novidades e atrações mundiais

Entrada geral, 3300; Fauteuils a 8000; Camarotes a 40000

Ultimas noticias

Os professores de Santarém e Almeirim protestam contra os touros de morte

SANTAREM, 14.—O que ontem se passou nesta cidade com a morte de um touro na praça, continua a prender as atenções de muita gente, sendo durante todo o dia de hoje o objecto de muitas conversas, comentando-se ásperamente a selvajaria praticada.

Ontem foram distribuídos pela cidade uns impressos annunciando que seriam lidos alguns touros rigorosamente a espanhola; mas, quasi por toda a gente, isso era levado à conta de uma habilidade, das muitas que por vezes se põem a correr para atrair o publico.

Infelizmente, não aconteceu assim. Alguns touros foram lidos em hastes limpas e o segundo dêsstes foi ferido à espada, na praça, por um artista espanhol, que lhe enterrou no lombo até ao meio.

O touro, naturalmente por a estocada não ser certa, não se sentiu muito com isso e daí a pouco um outro "artista" fazia entrar no corpo do pobre bicho o resto da espada, que devia ter um metro de comprimento, até aos copos.

Com a espada assim cravada, o touro não deu mostras de morrer; saltou por três vezes à trincheira, a espada foi arrancada e mais golpes de novo, foram ferentemente vibrados sobre o pobre touro, que por fim, depois de muito martirizado na praça, foi retirado ainda cheio de força, de vida.

O caso, como era natural, indignou muita gente, que não tardou em irromper em protestos ruídosos, abalados pelos aficionados que, esquecendo a sua qualidade de homens civilizados, aplaudiam com palmas e gritos. Por vezes estiveram iminentes conflitos e aqui cabe fazer justiça aos espectadores do sol que, enquanto os da sombra aplaudiam, eles protestavam energicamente.

A autoridade, que não pode alegar ignorância do que se ia passar, pois o vergonhoso espectáculo foi anunciado em impressos proficuamente distribuídos primou pela ausência. Apenas, no lugar da autoridade, se encontrava o chefe da policia com alguns guardas e o sr. Carlos Anacoreta que por não ser autoridade alguma, muito bem podia ser substituído pelo General, que toca o cornetim.

Foi, pois, um espectáculo indecoroso, selvagem que as autoridades nunca deviam permitir, por impróprios da civilização moderna.

Os professores de Santarém e Almeirim, que hoje reuniram nesta cidade para tratar de vários assuntos de ordem associativa, aproveitaram o ensejo e deliberaram enviar aos jornais o seguinte protesto:

"Os Núcleos Escolares, federados, de Santarém e Almeirim, constituídos pelos professores primários dos dois concelhos, em Santarém reunidos aos 14 dias do mês de Outubro de 1923, coerentes com uma deliberação tomada no seu Congresso Pedagógico que em Santarém se realizou em 3 e 4 de Maio último, e no qual foram repudiadas as touradas como espectáculos bárbaros, protestam indignadamente contra a selvajaria, sem precedentes nesta cidade, de ontem, com assentimento criminoso das autoridades locais, ser tentada, com requintes da mais repugnante ferocidade, a morte de um touro em plena praça, esperando o animal com uma esada de cerca de um metro de comprimento, submetendo-o depois a atrozes martírios, obrigando-o a saltar a trincheira por varias vezes, já quando o animal tinha a espada enterrada, aos poucos, até aos copos.

Também não podem estes Núcleos deixar de lamentar que a Misericórdia desta cidade, em benefício da qual a tourada era dada, em vez de procurar atrair o publico, contratando touros puros e bons artistas para as tradicionais touradas, em uso na região, utilize tão abomináveis atractivos, absolutamente impróprios de serem presenciados por almas bem formadas, absolutamente inaceitáveis num século que se diz civilizado.

Gafete

A proeza dum guarda florestal

Numa sessão de propaganda eleitoral em Evora, os candidatos nacionalistas são vaiados pela multidão

EVORA, 11.—Chegaram a esta cidade, no comboio da tarde de ontem, os membros do Partido Nacionalista, que foram realizar duas sessões de propaganda eleitoral, em Arraiolos e em Azaruja.

No dia seguinte efectuou-se, no teatro Garcia de Rezende, a sessão de propaganda à qual assistiram algumas centenas de pessoas.

As entradas no teatro só eram consentidas mediante a apresentação de um cartão-convide o que deu lugar a que muita gente se indignasse, conseguindo depois entrar na plateia.

Os primeiros gritos de abaixo a pena de morte, fora e morra ecoaram por todo o esplendoroso teatro, após a afirmação de um orador, de que os operários eram exploradores dos patrões, quando não cumpriam o seu dever, como se o seu dever não fosse cumprido com um horário de 8 horas e um salário tão insignificante que mal chega para comer. O orador apresentou os conferentes e ao pronunciar o nome de Cunha Leal a indignação foi ainda maior.

Os partidários de Cunha Leal aplaudiam, mas os gritos de hostilidade reboaram ainda com maior incremento.

Depois de constituída a mesa falaram em primeiro lugar o dr. Pedro Pita, sendo por várias vezes interrompido pela indignação dos que não podem tolerar semelhante afronta—uma pena de morte.

Seguiu-se-lhe Cunha Leal, e nessa altura a manifestação de desgosto foi muito maior ainda. Pretendeu explicar a razão porque era partidário da pena de morte, e ao pronunciar semelhantes palavras que traduzem bem o seu ódio e as suas baixas qualidades de ditador, por todo o teatro ecoou o grito unânime dos que não podem conceber semelhante monstruosidade.

Usaram ainda da palavra Vasconcelos e Sá e Ginestral Machado, sendo os oradores, todos, constantemente interrompidos pela assistência.

Todos os oradores se referiram aos insultos que receberam e que reputaram indignos, mas as suas maneiras correctas—que dizem possuir—desapareceram e nós concluímos que os insultos foram mais insultadores que os insultantes.

Acabaram por responder aos gritos de abaixo a pena de morte, com insultos pouco próprios de quem se intitula correcto e educado.

Fim da sessão todos se dirigiram para a Escola Normal de Evora onde os esperava um lauto banquete, a que se prestavam as salas da mesma escola onde ainda há bem poucos dias se havia realizado um a que assistiu o dr. José Domingues dos Santos.

As imediações do teatro eram patrulhadas por guarda a pé e a cavalo, vindo-se a todas as esquinas patrulhas armadas de carabina.—C.

Repondo a verdade

Pedem-nos a publicação do seguinte: Sr. redactor.—Tendo a U. I. E. realizado na Associação dos Comerciantes do Porto uma sessão de propaganda eleitoral, o sr. Carlos de Oliveira no seu harmonioso discurso falou a verdade na parte referente à suspensão de O Sáculo, de que é delegado, por motivo do movimento revolucionário de 18 de Abril. Disse ele que os empregados do jornal, quando solicitavam do ministro do Interior providencias contra sua não publicação, a qual acarretaria ficarem sem colocação, aquele incitara a atirar a empresa, porque ele, ministro, os ajudaria.

O sr. Carlos de Oliveira ludibriou os seus ouvintes, porque o que disse à comissão do pessoal, no ministério do Interior, o secretário, foi que iria tratar o mais depressa possível para que a suspensão do jornal se não prolongasse, porque quem sofria eram os empregados e não a empresa.

Declarou ainda o referido senhor que se honrava de trabalhar junto dum pessoal assim. Deve-se honrar e de ter tirado uma das melhores regalias que aquele pessoal ali usufruía há bastantes anos, o subsídio na doença, para o qual contribuíam e continuam contribuindo. Assim e que está certo.

Um explorado.

'A Batalha' na provincia e arredores

Coimbra

O aniversário da República

COIMBRA, 12.—Passou completamente despercebido, nesta cidade, o aniversário da implantação da República.

A convite do governador civil, realizou-se nesse dia uma romagem ao túmulo de José Falcão, precursor do actual regime.

Se não fôra a comparsa ao elemento militar, que se representou largamente nem sequer se tinha dado por tal manifestação, que atravessou as ruas da cidade no meio do maior indiferentismo. Até a própria natureza contribuiu para o fracasso da manifestação, pois esta foi dispersada por uma chuva torrencial, que se prolongou por toda a tarde, acompanhada de trovada retumbante.

A noite, uma filarmónica lembrou-se de atravessar a cidade ao som de «A Portuguesa», para arrastar, talvez, número para uma manifestaçãozinha...

Tal não conseguiu, se é que era o seu intento, pois que tirante um elevado número de gaiatos, era o fungado acompanhado por uma escassa dúzia de patriotas.

Tais são as notas imparciais que fixamos das comemorações do 15.º aniversário do advento deste regime de Liberdade, Igualdade e Fraternidade...

Um escândalo na casa do «Senhor»

Reina grande consternação no seio dos nossos conspícuos católicos, em virtude de um grosso escândalo, cujo relato anda na boca do povo incrédulo, de mistura com risinhos irónicos.

Foi o caso de na igreja de São Salvador ter sido surpreendido um padre numa posição muito pouco seráfica, junto de uma viúva, assídua frequentadora de igrejas. Claro, que pouco nos preocupa o facto do padre escolher a casa do Senhor para a prática das suas necessidades fisiológicas. Isso é lá com os católicos...

O que queremos frisar é o caso dos santos homens andarem sempre a pregar castidade... talvez com receio de que as mulheres não cheguem para eles!

Não queremos, contudo, perder a oportunidade para aconselhar os filiados dum Associação Católica Operária (?), que p'ra aí se fundou, a que levem para lá as suas esposas e filhas, porque altos ensinamentos morais de aí lhes advirão...

... e segue com padres

Já que falamos de padres, contem-nos um caso ocorrido na povoação de Bordoal, da freguesia de Santa Clara, que bem revela a intolerância dum tonsurado, a par com a ignorância e passividade do povo daquela aldeia.

Tendo falecido numa mesma casa duas pessoas—pai e um filho recém-nascido—foi avisado o prior da freguesia para ir prestar os serviços religiosos nos funerais dos falecidos.

Qual não foi, porém, o espanto dos indivíduos que estavam para acompanhar os cadáveres, quando o padre se recusou a deixar incorporar o feto do recém-nascido, alegando que o inocente não era alma cristã, devido a não ter sido baptizado!

Os assistentes, irritados com a jesuitica atitude do padre, impuzeram-se, obrigando-o a acompanhar os funerais. O padre sentindo-se humilhado com a imposição do povo, começou a andar descompassadamente, o que produziu novo conflito, pois que impedia, assim, que as crianças que conduziam o caixão do pequenino, acompanhassem o passo do bruto.

Sem querermos fazer mais comentários, lamentamos que a cegueira do povo o leve ainda a sujeitar-se às exigências destes marcos, que andam sempre com Deus nos lábios, mas ocultam a peçonha nos dentes.

O povo daquele lugar o que deve é dispensar, de futuro, os serviços dos padres, com o que só tem a lucrar.

Sabemos de antemão que estas palavras não serão ouvidas, pois, infelizmente, a religião tem as suas raízes bem fundamente arraigadas no povo ignaro das aldeias.—C.

Evora

Mercados

EVORA, 12.—Hoje realizou-se nesta cidade a feira anual de São Cipriano, havendo enorme concorrência de gados. Os preços foram baixos mas no que diz respeito a carne de porco e a-pesar-de-que já baixou consideravelmente, a linguça, o chouriço, o toucinho e outras carnes continuam a vender-se por preços exorbitantes.

Efectuaram-se poucas transacções.—C.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE OUTUBRO

D.	4	11	18	25	HOJE O SOL
S.	5	12	19	26	Aparece às 5,46
T.	6	13	20	27	Desaparece às 17,59
Q.	7	14	21	28	FASES DA LUN
Q.	1	8	15	22	L. C. dia 22 às 5,35
S.	2	9	16	23	C. M. " 17 " 18,24
S.	3	10	17	24	C. C. " 24 " 18,38

MARES DE HOJE

Praamar às 1,28 e às 1,46
Baixamar às 6,58 e às 7,16

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	95\$25	95\$50
" Madrid cheque...	2884	
" Paris, cheque...	89\$	
" Suíça, cheque...	3831	
" Bruxelas cheque	890	
" New-York, cheque	19775	
" Amsterdão, cheque	7593	
" Itália, cheque...	579	
" Brasil, cheque...	2595	
" Praga, cheque...	559	
" Suécia, cheque...	5830	
" Áustria, cheque	2880	
" Berlim, cheque	4870	

ESPECTACULOS

TEATROS
Politeama.—A's 21,30.—O Leão da Estrela.
Ripoll.—A's 21,15.—O Saltimbanco.
Teatro Vitoria.—A's 20,30 e 21,30.—«Rataplan».
Coliseu.—A's 21.—Companhia de circo.
A's 14,30.—Matinée.
Santo Vito.—Animadgrafo e Variedades.
Júvenis.—A's 21,30.—«Irmãs» e «A Glória».
Gil Vicente (4 Graças).—A's 20.—Animadgrafo.
Frenha Perque.—Todas as noites.—Concertos e variedades.
CINEMAS
Olimpia.—Chico Tarras.—Salto Central.—Cinema
Condes.—Salto Ideal.—Salto Lisboa.—Sociedade Pro-
motora de Educação Popular.—Cine Paris.—Cine Es-
perança.—Chantecler.—Tivoli.—Tortoise.

FÁBRICA

de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento
GOARMON & C.ª
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
—TELEF. C. 1244—LISBOA—

CONSELHO TECNICO

DA
CONSTRUÇÃO CIVIL
Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua industria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Calçada do Combro, 38-A. 2.º

Poli-clinica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 98
Telefone N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—A's 4 horas.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Viar—4 horas.
King, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.
Fele e sífilis—Dr. Correia Figueiredo—11 a 5 horas.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. J. Loff—4 horas.
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mario Oliveira—1 hora.
Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—5 horas.
Doenças das senhoras—Dr. Emilio Paiva—2 horas.
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roa—5 horas.
Ecce e dentes—Dr. Armando Lima—11 h.
Cancro e radio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.
Rio X.—Dr. José de Pádua—4 horas.
Análises—D. Gabriela Beato—4 horas.

A RENOVACAO

VENDE-SE EM TODAS AS TABACARIAS

FATOS COMPLETOS E SOBRETUDOS
em boas fazendas de lã com bons fornos desde 159\$00
IMPREMISSIVEIS INGLESES com rinto e capuz, desde 169\$00
CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00
CALÇAS desde 40\$00
ABATIMENTOS PARA REVENDA
O CHAVES DO CONDE BARÃO
170, Rua da Boavista, 172

Valério, Lopes & Ferreira, L.ª
FERRAGENS E FERRAMENTAS
Metais, cutelarias, talheres, louça esmaltada, parafusos, fundos para cadeiras, — guarnições para móveis —
Chapa ferro preta e zincada
Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.
24, R. DO IMPERIO, 86—LISBOA—TELEF. 3930, N. gramas, FERRAGENS

IMPOTENCIA
Comprimidos de cloridrato de yohimbina quimicamente pura do dr. R. Wolff — Berlim
Medicamento precioso, sempre que seja necessário tonificar o aparelho genital. Não tem succedâneos. Os seus efeitos são garantidos, não tendo os inconvenientes de tantas substâncias indicadas com o mesmo fim, visto que não se acumula no organismo e não produz efeitos secundários nos rins.
Resultados garantidos para ambos os sexos. Resultados garantidos para ambos os sexos. Resultados garantidos para ambos os sexos. Resultados garantidos para ambos os sexos.
Envia-se oculto — Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00
Nº venda no Agente e Depositário geral para Portugal e Colónias
Fernando da Silva
188, Rua da Madalena, 190 e nas seguintes farmácias:
A VENDA SO NESTAS CASAS:
FARM. LISEOA — Farmácia MENDES BRAGA, 153, Rua do Mundo, 135. — Farmácia PORTUGAL, Lda. — Rua Augusta, 218
NO Porto: Farmácia Central de SALGADO LENCART, R. 31 de Janeiro, 203

LIVRARIA RENASCENÇA

Obras literárias, científicas, profissionais e artísticas de autores portugueses e estrangeiros.
Trabalhos tipográficos, carimbos, elizros de escrituração, mapas de escrituração, mapas de descarga de cotas e de matrículas para Sindicatos, Cooperativas, Comunas, Juventudes, etc.
Grande sortimento em material escolar, artigos de papelaria e escritório, sempre nos preços mais baixos do mercado.
Grande obra de Victor Hugo, «OS MISÉRIEIS», ilustrada por assinaturas, tomos e encadernada com capas especiais em 2 grandes volumes a 4000, acrescentando 5000 de porte o embalagem para a pracinhas.
Sempre novos artigos e novidades literárias.

Joaquim Cardoso

Rua dos Poais de São Beato, 27 e 29
LISBOA

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como todas as pedras, tubos, molas, chaminés de 1/2 a 1 polegada, lampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55 e quiosque, Dirigido pelos Francisco Pereira Lata. É a casa que fornece em melhores condições.

A sair por estes dias a 8.ª SERIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

ESTE SEGURO IMPÕE-SE A TODOS OS TRABALHADORES
Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA garante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imediatamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS garante para a sua velhice uma pensão de reforma de ESC. 100\$00 MENSUAIS pagos enquanto for vivo.
Operários, trabalhadores, sede preventivas para com as vossas famílias e para com vós mesmos, segurando-vos em
A MUNDIAL
Companhia de Seguros Sede — Rua Garrett, 95 LISBOA
Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
IMPORTANTE: Mediante um ligeiro sobre-prémio, A MUNDIAL por-vos-há ao abrigo da DOENÇA E INVALIDEZ

REUMATISMO

Sifilítico, Bienorrágico, Gotoso, Articular, Artrítico, Muscular
“Reumatina”
24 horas depois não tem mais dores
“Reumatina”
E' inofensiva porque não exige dieta
Preço 8\$00 — — — — —
“Reumatina”
Vende-se em todas as boas — farmácias e drogarias —

Ró Anti-blenorrágico

E' o mais poderoso combatente das blenorrrias crónicas e recentes. Resultados imediatos e comprovados pelo distinto médico operador dr. sr. Cristiano de Moraes

Caixa 10\$00

Depósito Geral:

A. Costa Coelho

Bomjardim, 440—PORTO

FOTOGRAVURA

TRICROMIA

ZINCOGRAFIA

DESENHO

GRANDE PREMIO

RIO DE JANEIRO 1908

GRANDE PREMIO E

MEDALHA DE OURO

LISBOA 1913

PREMIO DE HONRA

LEIPZIG 1914

OFICINA FOTOMECANICA

Largo do Conde Barão, 49

LISBOA

TELEFONE

2554

C

LIMAS NACIONAIS

UNIAO

MARCAS REGISTRADAS

União Toms Ferreira, Lda., rivalizam em preço e qualidade com as melhores limas do Mundo!

Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram a venda em todos os bons estabelecimentos de ferragens do país.

NAO SOFRAM MAIS!

Usem HERPETOL para as

doenças da pele (==

Unas gotas deste medicamento acalmam e fazem por completo desaparecer a comichão.

O HERPETOL é na realidade o primeiro medicamento descoberto para as doenças da pele, tais como: ECZEMAS, MANCHAS, ERUPÇÕES, ESPINHAS, CRUSTAS, ARDENCIA NA PELE e MORDEDORES DE INSECTOS.

Instantes depois da aplicação, o doente vê com regozijo o fim da sua dor e restabelecimento.

A CURA É CERTA, em muitos casos um só frasco e o suficiente para uma cura. Se sofrer, compre sem demora esta especialidade que se vende nas principais farmácias.

DEPOSITOS:

LISBOA, R. DA PRATA, 237, L.ª

15-10-1925

Mestre João e os seus homens derrubam as estacas às machadadas, abre-se brecha, a onda dos assaltantes faz irrupção por esta abertura como uma torrente pela porta de um dique que se abre repentinamente; um combate furioso se trava corpo a corpo com os ingleses.

— Para a frente! — exclama Joana, conservando a espada na bainha e agitando somente a bandeira; — o céo protege-nos!... para a frente!

— Vamos a vêr se o céu te protege, feiteira danada! exclama um chefe inglês, e dizendo isto, descarrega uma furiosa cutelada na cabeça da Donzela; porém o capacete a preserva; ela recebe ao mesmo tempo um tremendo golpe de massa de armas que lhe amolga a armadura no ombro direito. Um momento atordada por estes rudes golpes, ela cambaleia, mestre João sustenta-a, e dois dos seus artilheiros a cobrem com os corpos; porém, passados poucos momentos recupera os sentidos, levanta-se e precipita-se furiosa no sítio mais reñido da acção. O arrojado dos milicianos é irresistível, o baluarte acha-se juncado de cadáveres de ambos os partidos; os ingleses, rachados, cedem, novamente ao terror supersticioso que lhes inspira a Donzela, entrincheiram-se nas numerosas edificações de madeira que servem de caserna a guarnição da bastilha e de alojamento aos capitães. A luta continua encarniçada sem dó nem compaixão, através de uma espécie de ruas que separam aquelas vastas construções de madeira; todas as habitações dos chefes, todas as casernas, são convertidas em outros tantos redutos que é forçoso tomar. Os franceses inflamados pela presença da Donzela, atacam-nos e tomam-nos de assalto; os ingleses que sobrevivem a fúria deste primeiro ataque defendem o terreno palmo a palmo, conseguem retirar-se em boa ordem para a igreja que coroa o reduto, igreja de espessas muralhas guarnecidas de uma alta torre. Entrincheirados neste forte do qual trancam interiormente a porta, os seus artilheiros, abrigados pelas paredes do edifício, apontam através de estreitas

outros ingleses, postados na plataforma da torre, fazem rolar sobre o inimigo enormes pedras de que antecipadamente tinham feito provisão. Os franceses, reünidos em massa debaixo dos contrafortes da igreja e completamente descobertos, são esmagados, e dizimados pelos inimigos invisíveis de quem nem uma única flecha erra o alvo. A Donzela vê que ao arrebatamento dos seus succede-se a hesitação. Arremessa-se impetuosamente com a sua bandeira na mão, gritando:

— Vitória à Gália!

«Arrombemos a porta! Entremos ousadamente na igreja; ela é nossa com a ajuda de Deus!...

Mestre João e alguns homens mais resolutos, atacam, mas em vão, às machadadas, a porta que é revestida de fortes chapas de ferro, enquanto que um chuva de setas, lançadas por estreitas aberturas praticadas no edifício, chovem sobre o artilheiro e seus companheiros; vários, de entre eles, caem a seu lado, e um viroto atravessa-lhe um braço. Os ingleses entrincheirados no cimo da torre da igreja serram a madeira do tecto da torre, depois, com a ajuda de alavancas, fazem-na cair sobre os assaltantes; grande número deles ficam sepultados debaixo desta avalanche de pedras, de chumbo e de traves; os sobreviventes, aterrados, vão ceder ao pânico e fugir do reduto.

— Para a frente! — exclamava Joana; — nós tinhamos precisão de barrote, os goddons no-lo mandam!... Tomai a mais grossa dessas pranchas, servir-vos há de ariete, a porta há de ceder, e esses ingleses serão nossos, ainda que se fôsem esconder nas nuvens. A vitória é por nós, com a ajuda de Deus.

Os soldados reanimados por estas palavras, obedecem à Donzela; mestre João, apesar da sua ferida, dirige a manobra. Arrancam do entulho uma trave enorme, sendo precisos vinte homens para a levantar; servem-se dela à maneira de ariete para arrombar a porta da igreja. Subitamente, alguns soldados que do alto do parapeito de reduto dominavam, ao longe, a planície exclamam:

— Estamos perdidos! o inimigo sai em grande número da bastilha de Saint-Pouaire!

— Vai atacar-nos de flanco!

— Vamos achar-nos entre essas tropas frescas e os ingleses entrincheirados na igreja!

Este movimento, habilmente previsto por Joana, que tinha dado as ordens precisas para o neutralizar, operava-se efectivamente.

— Nada temam! — disse a guerreira àqueles que a cercavam, aterrados com esta notícia; — uma força de reserva vai sair da cidade e cortar o caminho aos ingleses. Não olhem para trás, mas sim para diante de vós!... Ousado! tomemos a igreja!...

Apenas Joana tinha acabado de pronunciar estas palavras, quando os toques precipitados do sino da cidade se fazem ouvir. Bem depressa um corpo de cavalaria, seguido de perto por uma das companhias de infantaria, desembocando de Orleans a passo acelerado e em boa ordem, põe-se em batalha na estrada de Sologne, traçada entre a bastilha de Saint-Loup e a de Saint-Pouaire, da qual a guarnição acabava de efectuar uma sortida; porém, aqueles ingleses, intimados pela atitude resoluta do corpo de reserva, comandado pelo marechal de Saint-Sever, param, e voltam, depois, para os entrincheiramentos. Os soldados de Joana, vendo deste modo realizadas as suas palavras, creem na sua providência divina; de mais a mais convencidos de que não são atacados de flanco, inflamados pelo primeiro resultado, redobram de esforços para tomarem a igreja.

Duas enormes traves manobrando à maneira de arietes por vinte homens ao mesmo tempo, abalam a porta massiça guarnecida de ferro, não obstante o chuva de dardos expedidos pelos ingleses; os moribundos e os feridos são alternativamente substituídos pelos seus companheiros. Joana, intrépida e de pé junto deles, com a sua bandeira na mão, anima-os com a voz e com o gesto, e escapa à morte, graças à excelente tempera da sua armadura. Finalmente, a porta cede debaixo dos golpes reiterados das pranchas, e cá

do lado de dentro da igreja; porém, uma bombarda interiormente colocada em frente do portal vomita com uma detonação terrível, nova descarga de balas de artilharia e de pedaços de ferro sobre os assaltantes. Muitos deles são mortalmente feridos por estas descargas; outros precipitam-se na vasta e sombria bastilha, onde se trava, de novo, um combate reñido e sanguinolento, que é prosseguido de degrau em degrau na escada da torre até à plataforma sem tecto, do alto da qual os ingleses são todos precipitados no espaço; enfim, no momento em que o sol doirava com os seus últimos raios as águas tranqüilas do Loire, o estandarte de Joana flutuava no cimo da igreja, no meio dos gritos repetidos dos vencedores:

— Viva Joana! Viva a Donzela!

Depois de ganhar a vitória, e dissipada que foi a embriaguês da batalha, a heroína voltou logo ao seu estado primitivo de pobre rapariga cheia de ternas com-miseriação pelos vencidos. Ao descer da torre, onde o seu valor guerreiro

A BATALHA

Todos os operários se devem preparar para resistir à pretendida baixa de salários



CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Uma importante sessão dos têxteis da Covilhã

COVILHÃ, 10.—Derivado das indústrias de lanifícios pretendem impor ditatorialmente uma baixa de salários ao operariado da mesma indústria, a Associação de Classe dos Operários da Indústria Têxtil, convocou na próxima passada quinta-feira uma assembleia extraordinária, para se deliberar sobre as resoluções a adoptar em face desta revoltante imposição patronal.

Muito antes da hora marcada para o início dos trabalhos, já o vasto salão e corredores da Casa do Povo se encontravam repletos de operários que aguardavam ansiosamente o princípio da sessão. Eram 20 horas, quando foi aberta, presidindo José Macedo, secretário por António Quintela e Francisco Seica. O presidente, depois de demonstrar claramente que o assunto de que se vai tratar é de muita importância, rogou à assistência que preste ao caso a máxima atenção, para que das decisões tomadas brote algo de proveitoso para o operariado têxtil.

Concede em seguida a palavra a José Carrilho Júnior, presidente do Sindicato, —que começa por citar alguns factos sucedidos dentro de várias oficinas e que bastante contribuem para o não cumprimento da actual tabela de preços da mão de obra. Severamente, em palavras repassadas de revolta e de censura, increpa os industriais que neste momento, em que o operariado vê os seus miseráveis tugúrios iluminados pela luz fúnebre da fome, têm ainda a petulância e ingenuidade de lhes reduzir os míseros salários que auferem.

Crítica também com aspera a atitude lamentável de alguns operários que, por ganância ou por estupididade, estão aceitando o que os patrões desejam, prejudicando não só a si como também os próprios companheiros de trabalho.

Fala depois António Lopes Jorge, que com dados duma precisão admirável, demonstra a arbitrariedade que constitui a baixa de salários, e a falta de senso que preside à ideia dos operários aquiescerem aos desejos da classe patronal.

Em tom de energia indomável o orador diz:

—Estão, neste momento reunidos os industriais na sua associação, para estudar a forma mais prática de imporem a redução dos salários; urge portanto que marquem a nossa posição.

—Estará a classe disposta a acatar as resoluções dos senhores industriais?... A enorme assistência, num brado energético, responde negativamente, demonstrando estar disposta a ir até onde as circunstâncias o permitirem, em prol do pão dos seus filhos.

O orador visivelmente comovido, afirma sentir-se satisfeito com a resposta dada, estando convencido de que jamais os industriais conseguirão os seus fins.

Informa, como membro da comissão nomeada na última assembleia para estudar o assunto em debate, que esta tinha resolvido editar um manifesto ao público, todavia, como os industriais se encontravam reunidos deliberar aguardar o resultado da dita reunião para depois proceder.

E' dada a palavra a Francisco Alves da Costa, que em frases entusiásticas diz encontrar-se intimamente cheio de satisfação por ver a forma brilhante como a classe ocorreu em massa à chamada do seu sindicato e ainda por constatar a maneira digna como ela se tem manifestado contra o maneio dos patrões.

Estão agora em jogo, diz o orador, as tristes migalhas com que o operariado têxtil tem iludido a fome e a miséria; é necessário que nos unamos para impor uma forte e tenaz resistência às torpes pretensões dos industrialistas!

Alonga-se em mais considerações sobre o momento angustioso que a classe atravessa, terminando com um abaixo a redução de salários, que é delirantemente secundado pela assistência.

Após mais algumas inteligentes considerações de José Carrilho e António Lopes Jorge, foi encerrada a sessão no meio do maior entusiasmo.—C.

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Previne-se todos os associados que se encontram inscritos para efeito de colocação que devem comparecer hoje, pelas 12 horas, na sede do Sindicato, a uma chamada a que se vai proceder.

Os que faltarem serão riscados das respectivas listas.

Operários do Mobiliário

E' hoje, pelas 21 horas, que se realiza a grande sessão magna, na sede do Sindicato U. do Mobiliário para apreciar a pretensão do industrialismo em executar uma ainda inexistente baixa de salários.

Para esta sessão foi distribuído o seguinte manifesto:

—Pretende o capitalismo conduzir-nos à mais infima das situações, e da nossa derrota servir-se como trofeu para levar a desolação a outras classes, a fome e a miséria a outros lares.

Forjaram a crise de trabalho com que nos torturam e, supondo-nos excessivamente cobardes, buscam agora amesquinhar-nos e tornar-nos impossíveis a vida, baixando os já míseros salários.

O argumento de que a vida baixou de custo, vós bem o sabeis e o sentis que é falso!

A indústria suporta bem os actuais salários, o que não suporta—nem nós!—é a ganância dos exploradores! Urge que nos defendamos contra a ameaça de baixa de salários, que neste momento representaria a desolação e o esfaqueamento dos nossos lares.

Uma classe que no passado soube lutar para viver, não pode trair esse passado deixando-se morrer de inanição. Pretende abusar do vosso alheamento do Sindicato. Pois bem, o Sindicato chama-vos.

Quinta-feira, 15, pelas 20 horas, deveis comparecer todos, sócios e não sócios, na assembleia magna para apreciarmos a situação e adoptarmos meios de defesa. Da vossa comparição depende a salvaguarda do pão de vossos filhos!

Todos à sessão!

ASSINEM Os mistérios do Povo

Os baldios de Tolosa

Algumas considerações à margem

Desde que apareceu na Terra o primeiro criminoso —a dizer este pedaço de terra e meu, o género humano sentiu no coração, inconscientemente, a picada atrás da tirania e da crueldade de certos homens astutos e velhos. E foi logo a seguir que outros e outros criminosos, perfurando o conselho daquele, começaram por fragmentar a terra consoante a sua astúcia e por vezes à mão armada (assim no-lo diz a história de todos os tempos), valendo-se para isso da massa estúpida e amorfa do povo de então, a quem inspiravam sentimentos de terror e a quem diziam que o mundo precisava de ser governado por eles, por serem os mais inteligentes e capazes de dirigirem proficientemente os rebanhos humanos.

Estamos no século XX, no chamado século das luzes, e ainda os povos sentem a mesma escravidão, ou antes, que é mais exacto, suportam uma escravidão pior que a que suportavam os povos dos tempos medievais, visto que o homem pôs o homem na duríssima contingência de alugar seus braços mediante miseráveis e vexatórias condições, rebentando de fome se a tal se não sujeitar.

Em todo o caso, para não esmorecermos, conservamos a doce esperança de que os povos despertarão afinal da letargia e do sono da inconsciência em que se deixaram adormecer dezenas e dezenas de séculos, por assim dizer desde a idade da pedra em que o homem era apenas um animal estúpido, um habitante das cavernas negras e húmidas, um feio bicho cuja forma humana seria de horrorizar-nos, em nossos dias...

Actualmente temos, seguramente, uma forma humana mais cativante, sedutora mesmo; mas o coração não é melhor que o coração do homem das épocas distantes, antes pelo contrário os instintos de malícia refinaram-se mais e mais no homem do nosso tempo, que quer ser o centro do universo e que não vê mais ninguém além de si...

—Eu sou Eu; tu não existes ou, se existes, nenhum valor tens, não és ninguém—responde-nos o homem dos nossos dias... O seu Eu material venceu, esmagou mesmo o seu Eu espiritual, que devia ser o juiz supremo da sua vida...

Somos pelo comunismo e temos, na verdade, imensa pena de que o povo de Tolosa esteja inclinado a tratar da sua velha causa primando pela divisão dos baldios que lhe legaram em tempos idos. Gostaríamos mais, e bem mais, que o povo de Tolosa, uma vez ganha a sua causa, como é de justiça, preferisse cultivar em comum aquela vastíssima extensão de terra fértil e arborizada...

O povo seria assim muito mais feliz; viveria, então, aquela vida que já mais viveu, próspera e exuberante; experimentar os felizes efeitos da solidariedade... De cada um segundo as suas forças e cada um consoante as suas necessidades. Que belos princípios!

Mas... do mal o menos... Não esqueça o povo de Tolosa as suas justas pretensões e tome conta, ainda que tenha de lutar para submeter os seus algozes, dos seus baldios.

A propósito, num próximo artigo transcreverei uma notificação enviada ao povo de Tolosa pelo director geral de Agrimensura, procurando, venenosamente, convencer o povo a desistir dos seus justos desígnios, alegando, como conclusão do seu triste e infeliz arrastado, que os baldios de Tolosa não eram... baldios!!! Ou o homem é muito tolo e se deixou ceder pela grande comissão de burgueses destas terras que há um ano foram a Lisboa obrigar o ministro da Agricultura a dar o dito por não dito, anulando o despacho que fizera mandando dividir aquele terreno, ou se convenceu da informação estúpida e tendenciosa dada pela Câmara Municipal de Niza e ainda pela Junta de Paróquia de Tolosa, que tentaram e tentam burlar o povo...

Abel PAIVA

AS GREVES

Chacineiras de Aldegalega

ALDEGALEGA, 14.—Continua, sem desfalecimentos, a greve das operárias chacineiras desta localidade. Os industriais ricos prosseguem nos seus miseráveis propósitos, teimando em querer pagar as operárias a irrisória quantia de \$75 cada hora. Os industriais estão praticando uma grande incoerência, incoerência que só faz aumentar a grande razão que assiste às grevistas. Um desses industriais—o sr. Baralho—está pagando a algumas amarelas sem competência a quantia de \$120 cada hora. E' curioso poderem pagar às amarelas mais do que a quantia que as grevistas reclamam.

Os industriais António Barrote e Francisco Relógio já estão pedindo a quantia que as operárias reclamam. E' curioso que estes dois industriais pobres possam atender as reclamações das grevistas e os outros—continuem clinicamente a declarar que não o podem fazer. Mas estamos certos que as grevistas hão-de ensinar esses exploradores de mulheres a serem mais comedidos e mais honestos. A não ser que aleguem que a gasolina para os seus automóveis e os perfumes para as suas damas, estão cada vez mais caros, o que não é verdade.

Os industriais estão fazendo lucros fabulosos que se elevam a centenas de contos roubados ao suor das operárias e à economia dos consumidores. A sua ganância é indigna e criminosa. Estes fevalheiros de indústria enviaram um ofício às grevistas, cheio de amabilidades hipócritas e insistuando que toda a reportagem que a Batalha tem publicado sobre a greve é mentirosa.

Esses processos não dão resultado. As mulheres sabem perfeitamente que a Batalha, que tem tomado a sua defesa, não faltou à verdade. Quem mente são esses miseráveis industriais-exploradores de mulheres.

A cura das doenças pelas Plantas

3.ª edição—Preço 2\$00, pelo correio 2\$50

Pedidos à administração de A BATALHA

Um "bluff" da polícia que ocasiona a prisão de dois operários municipais

Os operários municipais Manuel dos Santos e Aníbal Augusto Barreiros foram presos, há dias, sob a falsa acusação de coniventes no atentado contra a residência do vereador sr. Freire da Cruz. Dizem algumas pessoas, segundo referiam os jornais de ontem, que o primeiro dos presos foi visto no local do atentado, vestido de estudante, indivíduo sobre quem recaem as suspeitas de autor do atentado. A suposição é infantil. Manuel dos Santos não tem a estatura do suposto estudante que uma senhora, num quarto andar, viu fugir a uma distância grande. Não é verosímil o depoimento dessa senhora. Quando muito ela veria a lua correndo e não o pseudo estudante, pois a distância que vai da janela onde estava ao sítio onde se escapuliu o fugitivo, com a escuridão da noite, não lhe permitia uma clara observação. Logo, portanto, fazer fé no depoimento referido é laborar num erro.

Em segundo lugar Manuel dos Santos é incapaz de praticar o acto de que a polícia o acusa. Não só o afirmamos nós. Dizem-no os próprios superiores, sob cuja direcção aquele operário trabalhava no Matadouro Municipal de Lisboa.

Numa reunião do pessoal daquele estabelecimento, a qual assistiu o pessoal superior, foi largamente apreciada a prisão de Manuel dos Santos e repudiada a acusação que sobre ele pesa. Depois de larga discussão foi aprovada esta moção:

«O pessoal dos Matadouros Municipais de Lisboa, reunido em sessão magna no dia 14 de Outubro de 1923, protesta vehementemente contra o atentado dinamitista de que foi alvo a propriedade do sr. vereador Freire da Cruz e ao mesmo tempo protesta contra a prisão arbitrária do camarada Manuel dos Santos, elemento honesto e incapaz duma acção tão criminosa como esta; protesta também contra as notícias inseridas na imprensa diária, dando-o com largo cadastro como bombista, sendo tudo isso uma revoltante insidia contra tão honesta criatura, e para o comprovar estão 300 operários destes edifícios a Inspeção e o Vereador etc.; resolve ainda que se dê desta moção completo conhecimento à imprensa diária».

O gesto do pessoal do Matadouro, uma vez que não existem provas morais ou jurídicas em desfavor do preso, devia levar a polícia a um acto de justiça: soltar Manuel dos Santos. Isto ainda não se fez, mas esperamos que não se faça esperar para que não tenhamos de voltar ao assunto.

Quanto à prisão de Aníbal Augusto Barreiros, as provas de acusação devem ser insubsistentes como as de Manuel dos Santos. Todavia este operário também continua detido, não se preocupando a polícia com os prejuízos que lhe está causando.

I Congresso Nacional dos Serviços de Saúde

Reúne hoje, pelas 21 horas, na sede da Associação de Classe do Pessoal dos Hospitais, na travessa de São Bernardino, 11, a comissão executiva deste Congresso.

A TODOS OS ORGANISMOS OPERÁRIOS

O ALMANAQUE DE "A BATALHA"

No próximo mês de Dezembro é posto à venda o Almanaque de A BATALHA para o ano de 1926.

Para tornar tão útil quanto possível esta publicação ao operariado, às direcções dos sindicatos, sejam ou não confederados, e das Federações e Unões de todo o país, pedimos o favor da informação imediata da sua sede, data da sua fundação e numero do telefone, caso tenham, para o que basta preencher o boletim abaixo e enviá-lo depois de preenchido, pelo correio, sobrescrito ao director do Almanaque de A BATALHA, calçada do Combro, 38-A, 2.º, Lisboa—bastando para isso colar o boletim no verso dum bilhete postal.



Nome do organismo.....

Fundado em.....

Sede.....

Localidade.....

N.º do telefone.....

Vai reformar-se a lei dos Acreditados de Trabalho?

Enviem-nos sobre este assunto a carta que passamos a reproduzir:

Camarada redactor.—Li há dias alguns jornais que o dr. sr. João Luis Ricardo, num discurso que fez no Centro Bernardino Machado, em Alcântara, afirmou que ia ser reformado o Instituto de Seguros Sociais Obrigatórios e de Previdência Geral. Alarimei-me e senti-me obrigado a chamar para o caso a atenção dos trabalhadores, visto ser esse Instituto que trata todas as questões de acidentes no trabalho e é por ali que os patrões e companhias de seguros são obrigados a fazer os depósitos das reservas para garantia de pensões a viúvas e orfãos e de pensões permanentes de sinistrados.

A lei dos desastres no trabalho, da autoria do dr. Estevam de Vasconcelos, embora não seja em absoluto o que se desejava, é a única lei da república benéfica para os que trabalham.

Pensa o sr. ministro do Trabalho, ou alguém, modificar a estrutura do Instituto? Pois que o façam, mas tendo em conta o não prejuízo dos interessados. Mais: a alterar-se o que existe, bom seria que se tivesse em conta a deficiência das pensões conferidas a viúvas e orfãos que, por pouco terem, passam vida miserável. Também seria acertado que às associações operárias fosse entregue a fiscalização do trabalho dos menores, a fim de evitar o seu emprego em máquinas, o que origina essa horripilante série de desastres que esfacelam os jovens trabalhadores, inutilizando alguns para a vida.

Isto, sim; isto desejava eu que se fizesse; mas, estamos em maré de eleições, e é natural que a apregoadada modificação vise a assegurar candidaturas a alguns futuros

João GOMES

Trabalhador do Tráfego do Porto de Lisboa

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-á um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA.

Lêde o Suplemento de A BATALHA

Contra o assalto à C. G. T. Vida Sindical

Já não há a mais pequena garantia de segurança pública!

Povo! Já sabes? Já estás em perigo, como nunca estiveram, os teus haveres e a vida! Já não há a mais pequena garantia de segurança pública! Já não há, porque a própria polícia—essa odiosa corporação que, para maior vergonha dumas instituições intituladas de democráticas, está encarregada de manter a Ordem!—já tornou-se o principal elemento fomentador de desordem!

Estando ao serviço de interesses dos indivíduos sem escrúpulos que misteriosamente pontificam neste desgraçado país—e não ao serviço das instituições vigentes—constitui o maior sobressalto da população, porque pode atentar à vontade, sem que ninguém lhe peça responsabilidades por isso, contra os direitos constitucionais que garantem a inviolabilidade do domicílio e o respeito pela vida dos cidadãos!

A confirmação do que dizemos está no facto dum bando de facinorosos acobertados da capa de impunidade policiésca ter assaltado, canibalescamente, sem mais nem menos, destruindo mobiliário, rasgando documentos e roubando dinheiro, a sede da Confederação Geral do Trabalho, do seu órgão na imprensa, A Batalha, e de outros organismos operários, por um direito incontestável que a própria Constituição da República lhes garante, virem, em prol da Emancipação Humana, cometendo o monstruoso crime de defender a Justiça e proclamar a Verdade que tanto incomoda aos sicários a soldo do Capital e do Estado e a todos os que pretendem viver à custa do suor alheio, fazendo-lhes recar a perda da mangedoura que os faz engordar sem trabalhar.

Os inimigos da Humanidade e da Liberdade, não podendo combater por meio da força da Razão e do Direito, porque não está do lado deles o adversário energético, sim, mas leal, combatem-nos por meio da razão e do direito da Força, seguros da sua impunidade!

Como são canibais e miseráveis!

Nunca os criminosos vulgares e comuns desceram tanto na prática dos seus crimes!

Os bandidos legalizados que, muito odeando os «legionários vermelhos», por, segundo eles dizem, estarem fora da lei—os perseguiram ferozmente e deportaram injustamente, sem lhes terem apurado responsabilidades; os salteadores oficiais que deveriam ser os primeiros a respeitar as leis, por serem toda a razão da sua prejudicial existência, acabam de provar, duma maneira que não admite dúvidas, com o assalto que lhes fizeram, como verdadeiros apaches, a altas horas da noite, aos citados organismos operários, por propagarem doutrinas emancipadoras, defendendo os interesses da classe produtora e escravizada, que são muito mais perigosos do que esses tais «legionários vermelhos»!

Porque os «legionários vermelhos» não chegaram a praticar uma selvageria como esta que, cheios de razão, vimos comentando indignadamente!

Ah! se semelhante crime fosse cometido por operários (mesmo inconscientes que fossem) e ferisse os seus desleais adversários, não se cansariam eles e toda a sua imprensa de, em grandes campanhas, reclamarem a mais rigorosa punição para os criminosos!

Mas como foi pelos defensores fardados da Ordem e feriu, em pleno peito, a Organização Operária...

Por isso, povo, se não quizeres ver o teu domicílio violado e a tua vida perdida, prepara-te para a defesa dum e de outro, porque, como acabas de te certificares, as garantias constitucionais acabam de ser calçadas pelos próprios que tinham o dever de velar por elas!

Já não há a mais pequena garantia de segurança pública!

Contra mais este grande crime da polícia levando o meu mais veemente protesto, manifestando a minha mais estreita solidariedade à C. G. T., à A Batalha e aos outros organismos operários vítimas do mesmo!

Abaixo o banditismo policiésco!

Abaixo a Opressão e a Tirania!

Vila do Conde—Outubro, 1925.

M. C. MACHADO

Liga das Artes Gráficas de Braga

A Liga das Artes Gráficas de Braga, protesta energicamente contra o assalto às dependências da C. G. T., levado a efeito pela cáfila policial que demonstra claramente ser um primoroso ornamento desta sifilizada república.

A Associação dos Maquinistas Fluviais, ontem reunida em assembleia, resolveu protestar contra o assalto dado pela polícia à sede da C. G. T. e aprovou um voto de sentimento pela catástrofe de Cezimbra.

Em liberdade

Foi posto finalmente em liberdade José Sanches, de nacionalidade espanhola, que por um capricho injustificável as autoridades retiveram tanto tempo na prisão.

Acaba de ser posto à venda:

As três Internacionais

Amsterdam—Moscóvia—Berlim

Por SCHAPIRO

Interessante estudo, devidamente documentado, sobre a questão das Internacionais Sindicais dividido pelos seguintes capítulos:

I—Introdução. II—O despertar operário nas vésperas da guerra. III—O grande silêncio. IV—A esperança na revolução russa. V—As bifurcações sindicais. VI—Os princípios das Internacionais, A Federação Sindical Internacional, A Internacional Sindical Vermelha, A Associação Internacional dos Trabalhadores. VII—Influências políticas. VIII—Fusionismo e confusionalismo, A bandeira da I. Internacional.

1 folheto de 36 páginas com uma elegante capa, \$500; pelo correio, \$520.

Pedidos à administração de A Batalha.

«A Batalha» vende-se em todas as tabacarias

C. G. T.

Comité Confederal

Reúne hoje às 21 horas.

Câmara Sindical do Trabalho

DE LISBOA

Comissão instaladora

Reúne hoje pelas 21 horas.

COMUNICAÇÕES

Federação do Calçado, Couros e Peles—Reúni o Conselho Federal com a representação dos sindicatos de Lisboa, Porto, Braga, Faro, Évora, Beja, Penafiel e Póvoa do Varzim. Aprovada a acta da sessão anterior, foi apreciada e aprovada uma proposta da comissão administrativa no sentido de debelar a crise de trabalho, pondo-se em prática as conclusões das teses: «Centralização da Indústria», «A Influência dos Obreiros na Indústria» e «Forma e Meio de Baratear o Calçado».

Apreciada a circular da C. G. T. sobre a constituição do Conselho Confederal, nomeou seus delegados Manuel da Silva Campos e Jerónimo de Sousa.

Ferrovários do Sul e Sueste—Em assembleia geral dos ferroviários do Sul e Sueste de 9 p. p. foi tratada a questão do 10.º de baixa de salário aos eventuais. A J. Piloto depois de diversas considerações, diz que aquela baixa de salário representava o início do baixamento a todos os outros ferroviários. Aquela era a base do que as altas esferas estavam preparando.

Em virtude disso era sua opinião que os administrativos e do quadro se devam unir aos seus camaradas considerados eventuais, pois alguns têm 15 anos de serviço, e fazem um protesto geral.

A' cerca dos bilhetes de identidade aos agentes considerados eventuais, com mais de três anos de serviço, foi pelo secretário geral declarado estar a comissão de melhoramentos a fazer as «demarches» necessárias, pelo que entregou uma exposição nesse sentido ao ministro do Comércio.

Espera, em virtude da razão que assiste aos lesados e do que se acha legislado, que essa regalia não seja cerceada.

A maior barreira que sobre o assunto a comissão de melhoramentos tem encontrado é da parte do director sr. Plínio Silva o que não admira visto ser ele o autor da ordem tão absurda que vai de encontro ao que está determinado.—C.

Vendedores de Jornais—Reúni a comissão administrativa, ocupando-se dum conflito com o chefe de venda Leitão. Procurou-se a direcção do Diário de Notícias expor-lhe as reclamações da classe, não tendo recebido uma resposta concreta, pelo que a classe está disposta a reagir energeticamente para que de futuro tais casos se não repitam, pois que conflitos desta natureza dão-se diariamente com prejuízo manifesto dos seus componentes.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM-SE HOJE:

S. U. da Construção Civil.—A assembleia geral, às 20 horas, para apreciar o relatório dos delegados à Conferência da indústria e 1.º Congresso Confederal, e outros assuntos, entre os quais a crise de trabalho.

Secção de Belém.—A assembleia geral, às 21 horas, para apreciar as resoluções da Conferência dos sindicatos da indústria.

S. U. Metalúrgico.—A comissão administrativa e conjuntamente as comissões executivas das secções, pelas 21 horas.

Manipuladores de Pão.—As comissões administrativas e de melhoramentos, pelas 14 horas.

Vendedores de Jornais—Pelas 17 horas em assembleia magna.

Manufactores de Calçado—Pelas 20 horas, em assembleia geral, para apreciar uma circular da Federação da indústria e a crise de trabalho.

Profissionais Culinários e Artes Correlativas.—A assembleia geral, pelas 22 horas.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Federação—Comité federal—Reúne-se amanhã, pelas 20 horas, com a presença do secretário do conselho ultimamente nomeado.

Núcleo de Lisboa—Reúne-se hoje, pelas 20 horas, para prosseguimento de trabalhos, a assembleia geral.

Núcleo do Porto.—Reuniram em conjunto as comissões administrativas e de educação e propaganda, que apreciaram o expediente que constava de ofícios da secção metalúrgica, Centro Comunista Libertário e U. S. O. Foi lida uma moção apresentada pelos delegados da F. Juventudes em Santarém sobre a realização do 2.º Congresso Juvenil que foi aprovada, esperando este núcleo que a Federação Juvenil não descure o assunto.

Foi nomeado agente da venda da «Voz Sindical» o delegado da secção da carris.

—Realiz-se no dia 19 um passeio familiar e de estudo às minas de São Pedro da Cova.

Francês sem mestre

por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 páginas 1\$500

Pelo correio 16\$50.

Pedidos à administração de «A Batalha»

Um dever de solidariedade

Um dos mais dedicados correspondentes de A Batalha, o camarada José Maria Robalo, da praia da Nazaré, encontra-se, há bastante tempo, prostrado por uma perniciosa doença que o impossibilita de angariar os meios de subsistência.

A Batalha cumpre um dever apresentando-o à solidariedade de todos os trabalhadores, certa de que nenhum deixará de contribuir para lhe minorar a situação alívica. Aí fica o nosso apelo. Oxalá que todos o oíçam, porque é justo. Na nossa redacção receberemos todas as importâncias.